

VIDA MUNDIAL ILUSTRADA

SEMANARIO GRAFICO DE ACTUALIDADES

NO NOVO FILME DE LEITÃO DE BARRROS, "CAMÕES"
O ACTOR ANTONIO VILAR INTERPRETA A FIGURA DO GRANDE POETA



ANO V

PREÇO AVULSO 1\$80 ~ 4 DE ABRIL DE 1946 N.º 254

PRIMEIRA COLUNA

O Dever de respeitar

E um facto ter-se vedado ao homem o direito de, nas ruas da baixa, cuspir no chão. Para isso andava mesmo autuando os transgressores dessa postura comarçãria, nunca uma lei teve um tão alto alcance higienico. E sabido que as ruas, as praças, os passeios, não são escurraoares publicos.

Na realidade, todas as pessoas andarem a cuspinho nas ruas, que bonito aspecto não deviam oferecer os arruamentos. Unicamente, a ideia da multa e um tanto ou quanto forçada — e implica um temor só respeitável quando a policia está à vista.

O público não se apercebeu ainda de que as ruas são como os corredores, que devem estar limpos.

De modo que enche-las de imundicies, além de ser uma desagelante attitude de hygiene — é, até, pelo perigo que oferece nos contágios infecciosos, um atentado contra a vida alheia — como muito bem dizem os cortazes da tuberculose uma vez por ano.

É preciso, pois, que cada um aprenda a respeitar — e a ter respeito, primeiramente, pela conduta pessoal.

Se o homem não cospe com medo de ser multado — o caso está resolvido praticamente, mas a lição não foi aprendida pelo raciocinio — mas pelas injeções contínuas de quinze escudos, que é o preço do cuspo caído sobre a via pública.

Vamos, pois, a respeitar o próximo — não cuspinho, não atirando com os papéis fora e os talos das couves e as espinhas de peixe.

Pelo menos, senhores, quando os policos estiverem presentes. E, para isso, basta ver em cada um de nós — o policia dos nossos hábitos.

VIDA
MUNDIAL
ILUSTRADA

DIRECTOR:
JOSÉ CÂNDIDO GODINHO
EDITOR:
PEDROSA MARTINS
PROPRIEDADE DE "VIDA MUNDIAL"
EDITORIA LIMITADA

4 IMAGENS DO MUNDO

SERVIÇO "INTERNACIONAL NEWS FOTOS"
EM EXCLUSIVO PARA "VIDA MUNDIAL ILUSTRADA"



Este infeliz menino italiano, que ficou cego devido a um coice de cavalo de um oficial alemão, ajoelha ante o estátu do «Divino Salvador», na rotunda do Hospital de John Hoskins, Baltimore.

«Miss Sara Churchill, o filho mais velho de Winston Churchill, falando com o empregado do avião que o transportou a Miami, Flórida, onde foi visitar o seu pai, que olt tem estado em férias.



O general Walter Bedell Smith, o novo embaixador americano em Moscovo (à direita), e o major-general Ilya M. Saroyev, edido militar à embaixada russa em Moscovo, trocam impressões num banquete realizado para celebrar conjuntamente o nascimento de Washington e o dia do Exército Vermelho.



Sob a guarda de marinheiros e soldados aliados, alguns dos 9 officios de marinha e 267 membros da tripulação do cruzador nazí «Prinz Eugen» embarcam num transporte que os levará de regresso à Alemanha. O couraçado «Prinz Eugen» será um dos alvos a utilizar nas próximas experiências da bomba atómica nas ilhas Marshall.



Es ta stenógrafa de Washington deixou-se fotografar junto aos relatórios da Comissão que está a investigar o caso de Pearl Harbor, os quais actualmenté já são 12 vezes maiores que «Tudo o vento levou!»

RAFAEL BORDAL PINHEIRO E A VISITA DOS PARCESESES DE LA CONQUISTA À FABRICA DE CERÂMICA

POR FERNANDO D'EÇA LEAL

general Queiroz, Viscondessa de Sacramento, Bordalios Pinheiros, Figueiras Freire, Pinto Bastos, S. Martinho, Reinóis, Marquesses de Castelo Melhor, Conde de Fontalva, Viscondes de Sousa Rego, Gomes Neto, Barões de Almeirim, Viscondessa do Tramação, Pinto Coelho, Luis de Sover, Redondos Seruças, Soutas Machado, Assis, Infante da Câmara, Viscondes de Ferreira de Lima, Jacob Abecassis, Viscondes de Altas Moras, Alves do Rio, Viscondes de Alvelos, Condes da Cunha Matos, Condes da Foz, José Libânio Ribeiro da Silva, Viscondes de Moraes, Dr. Silva Amado, D. Luis de Almeida, Rebeldes de Andrade, Marquês da Foz, Alvitos, Almadãs, Barão de Marajó, Viscondes de Assoca, Barões de Gramá, O'Neil, Condes de Tarouca, Condes de Paraty, Redondos, Condessa de Otolini, Clappers, Conde de Paço do Lumiar, D. Palmira Ximenes, Luis Azenes de Lima, Marqueses, Gervásio Lobato, Condes de Estarreja, Lumieres, Jorge de Meneses, Romero, Jorge Graça, Bregaros, enfim, tudo o que havia de mais distinto na nossa sociedade.

A colónia espanhola era enorme. De entre as famílias mais fidalgas daquele país eram certas as dos Marquesses de la Conquista, Condes da Torre, Sotomaiores, D. Luis Buena, Marqueses de Lorenzana e muitas outras de Madrid, Cáceres, Badajoz e Salamanca.

Divertimentos e distrações não faltavam.

De manhã, banhos do mar na linda praia da Foz do Aretho, ou, então, na de S. Martinho do Porto.

Às tardes, música no Parque pela banda da Guarda Municipal, regida pelo conhecido maestro T.orda.

Partidas de stennis, e, às vezes, bem reñhidas, entre jogadores de grande categoria, como o dr. Duarte Pinto Coelho, João Vila Franca, que mais tarde foi campeão de Portugal, Luis Riçardell, outro campeão, um dos melhores jogadores que temos tido, Luis Otolini, Visconde de Moraes, Guilherme Bleck, Júlio e Eurico Morais, Rebelo de Andrade, Leopoldo Diniz, Abreu Loureiro, Mademoiselles Mascarenhas, de origem inglesa, Maralós, Atalalas, Plantier, etc.

As senhoras apresentavam-se de salta muito compridas, e algumas com chapéus grandes, enfeitados com flores como se fossem fazer visitas de caridomia!

Os rapazes, de calças brancas e com as mangas das camisas levemente arregaçadas.

Que diferença de hoje!

Quando, agora, se chega a um court de stennis, em que há jogadores de ambos os sexos, é difícil, à primeira vista, distinguir quais são os rapazes ou as raparigas.

São todos iguais! Pernas e braços ao léu, e elas, às vezes, com o seu cinto ao cinto da roupa!

Nos serroques, famílias inteiras passavam as tardes a decompor-se. Eram tremendas discussões davam, sempre, mais resultados. Chegavam-se a engalinhar. Bastava que um jogador, cotado, tivesse a infelicidade de dar uma tacada! Nessa

altura, calambite todos em cima. Aquilo, para eles, era uma coisa muito séria.

No lago, as meninas e os rapazes entrelinhavam-se a remar, a namorar e a abalroar, e esses abalroamentos deram, muitas vezes, bons casamentos.

Animados ecotillanos no Clube, com lindas marcas, regatas e esplêndidas réctas no Teatro Pinheiro Chagas, por distintíssimos amadores, como Luis Gama, que com o seu grande talento e graça representavam, como um grande actor, Edgard Plantier, um dos rapazes com mais espirito daquelle tempo, o talentoso Ildio Amado, o Arnaldo Dantas da Gama, o José Amado, o meu irmão Tomás, etc., e as senhoras D. Honorina Morais, D. Madalena Trigueiros Martel Patricio, minha irmã Maria da Conceição d'Eça Leal Abecassis, etc.

Representavam todos, tão primorosamente, que a gente chegava-se a esquecer, por completo, que eram amadores!

Mas uma das coisas que dava mais vida aquelle terra eram as touradas e as esperas de touros. Animado e alegria não faltava. Nas corridas entravam, muitas vezes, o grande mestre do toureio a cavallo, Vitorino Fróis, o rei das Caidas, muito simpático, sempre sorridente, amabilissimo, e recebendo fidalgamente os seus convidados nas lindas festas que dava na sua esplêndida propriedade de Alfazeteiro, O Conde da Torre, o Alberto O'Neil, o D. Nuno de Almada, o Dr. Assis, o simpático e engraçado D. Rui de Siqueira (S. Martinho), o destemido João Marcelino de Azevedo, o Luis Pimentel, um dos mais valentes forçados daquelle época, os grandes bandeirtheiros Duarte Pinto Coelho, Eduardo Pereira, Mascarenhas, etc.

As esperas de touros eram, muitas vezes, mais animadas que as corridas. Famoso espedeio para a ponte da Tornada, na estrada de S. Martinho. À frente, à cabeça do gado, vinha o velho condutor Bequel de Carvalho, na sua conhecida égua, acompanhado dos campinho, com os seus vistosos fatos, e por todos os rapazes que tinham cavalos. Depois, atrás, uma infinidade de trens, tipólas de todos os géneros e sobretas equipagens, como as do Conde de Fontalva, a quatro cavalos, a de José Libânio Ribeiro da Silva, com as suas mais

(Continua na página 14)

Rafael Bordalo Pinheiro, em 1900



A jorra manuelina



A jorra Beethoven, actualmente no salão de música do palácio da Presidência do Republico, do Rio de Janeiro.

As Caidas da Batalha há quarenta anos era, no Verão, uma das terras mais animadas do nosso país. Principalmente, no mês de Agosto, a afluência de gente era enorme. Os hotéis, desde o Lisboente até ao Pires, todos se enchiam.

Este pequeno hotel, que ficava situado no Largo da Copa, num prédio de esquina, pertencia a duas irmãs, senhoras já de certa idade, muito bondosas e extremamente bem educadas.

Tratavam os hóspedes com tanto carinho como se fossem pessoas de família, e as refeições que davam eram tão exageradamente abundantes que António Batalha Reis, o conhecido agrônomo, o meu querido tio Batalha, como se lhe chamava, dizia: «Sou muito amigo das manas Pires, mas Deus me livre de recomendar o seu hotel às pessoas que me são dedicadas! Sabes porque, meu tio? Porque não quero ficar com remorsos de ter contribuído para alguma congestão!».

Que bone teus, digo eu, meu tio!

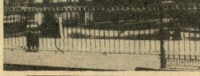
Muitos anos houve em que até se tornava difícil arranjar uma casa de aluguer.

A temporada das Caidas era tão divertida, tão animada, que quando acabava, vínhamos de lá sempre com imensas saudades.

Toda a gente se conectia.

Havia, é claro, vários grupos, mas quase todos se falavam, e para as grandes festas todos se juntavam.

Muitas famílias frequentavam aquelas terras, há muitos anos, e não do



Caidas da Rainha — o Parque



O logço do Parque



Outra visto do Parque

A VITÓRIA DE PERON NAS ELEIÇÕES ARGENTINAS

O coronel Peron foi eleito Presidente da Argentina, obtendo um total de 376 lugares no colégio eleitoral. Só em Buenos-Aires, chave da eleição, obteve Peron 287.386 votos.

Logo a seguir à sua eleição, o coronel Peron respondeu ao memorandum americano, sobre supostas actividades nazis na Argentina, afirmando:

«O documento causou desagradável surpresa, tanto ao governo como ao povo da Argentina. As declarações nele contidas são extremamente imprudentes, por falta de consistência e por haver erros, devidos a informações deficientes.

«A publicação do memorando — acrescenta — constitui um facto *for*, do qual na história diplomática do Continente, vivia a violação dos hábitos da lei internacional e implicar grave

ataque ao espírito fraternal que inspira as relações entre os povos e os governos do Continente americano.

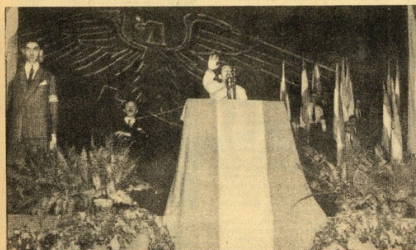
A falta de oportunidade da publicação do memorando era evidente — declara a resposta — pois de aí a alguns dias realizar-se-iam as eleições argentinas.

O memorando é classificado de interferência lamentável nos assuntos internos da Argentina, visto os argentinos estarem habituados a resolver os seus próprios problemas com um espírito argentino». Seria loucura negar a existência de espionagem nazi na Argentina — diz a resposta — mas isso também se deu em todos os outros países americanos e em todas as nações do Mundo».

As fotos dão-nos alguns aspectos da amada propaganda que precedeu a eleição presidencial na Argentina.



Juan Domingo Peron, é filho de um lavrador



Um orador «peronista» discursando



A campanha presidencial foi feita nas ruas por meio de bicicletas ornamentadas!



Um cartaz de propaganda de Peron



Um aspecto duma rua de Buenos Aires, durante a propaganda eleitoral



Fotos de Peron, em uniforme, a vendidas nas ruas

DISTURBÍOS NA ÍNDIA



O polícia teve de fazer um cerco para prender todos os desordeiros



Agora é a vez dos gazes lacrimogénios...

HA dia, em Bombaim, durante uma celebração em honra do falecido Subhas Chandra Bose, o chefe indú do Exército Nacional Índio que combateu os japoneses, houve uma desordem daquelas que ninguém sabe como começam e que em breve se transformou numa autêntica guerrilha, com intervenção armada da polícia e dos seus gazes lacrimogénios...

Houve mortos, feridos, muitas lojas assaltadas e muita coisa... e tudo sem se saber porquê!



Assim ficou o campo de batalha depois de uma avançada da polícia...



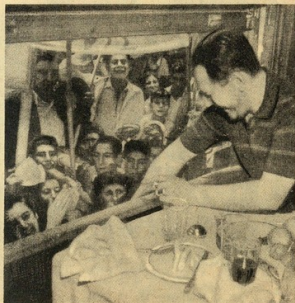
Um aspecto do campo de batalha no dia seguinte



A mulher do Peron distribuindo, do combôio, emblemas com o retrato do marido.

Peron procurou assim tornar-se popular

Depois do almoço, cumprimentando a multidão



Uma sessão de propaganda eleitoral



Um momento de dança, desde o momento em que o casal se apresenta até o momento em que se despedem. O casal é o casal de dança. O casal de dança é o casal de dança.

UM NOVO PAR DE BAILARINOS FAZ SUCESSO NA AMERICA!

Um rapaz e uma rapariga de 22 anos — Gaby D. Lubet — têm alcançado um sucesso franco na Broadway, com as suas coreografias dirigidas por ele mesmo, no teatro londrês em apresentações científicas e ritmos sul-americanos.

O fato por enquanto já contratado para o cinema, a — para o cinema — apresentação natural do casal — o "The Broadway Connection" — foi lançado.



Um belo momento de ballet de Gaby e Lubet — 1. "Breeze" — 2. "Breeze" — 3. "Breeze" — 4. "Breeze" — 5. "Breeze" — 6. "Breeze".



OS ESTUDANTES AMERICANOS O SAM BARRETT!

Um livro e uma bonita história que todos os estudantes de Sam Barrett devem ler. O livro contém as histórias de Sam Barrett, que se apresentam como uma história de amor e de vida. O livro contém também as histórias de Sam Barrett, que se apresentam como uma história de amor e de vida.

OS COMBOIOS VÃO TER LUGARES MAIS CÔMODOS



As novas composições construídas de materiais de ferro da América e da Harwood-Walsh Company, resolvem sempre as suas necessidades em novos modelos de assentos de uma comodidade até hoje nunca conhecida. Para obter todos os detalhes e a natureza experimental, dos quais aqui publicamos algumas fotos.



O novo modelo é chamado "Moderno", "Moderno" e "Moderno" para os novos modelos. O novo modelo é chamado "Moderno", "Moderno" e "Moderno" para os novos modelos.



Um modelo de assento de ferro da Harwood-Walsh Company, resolve sempre as suas necessidades em novos modelos de assentos de uma comodidade até hoje nunca conhecida.



Um modelo de assento de ferro da Harwood-Walsh Company, resolve sempre as suas necessidades em novos modelos de assentos de uma comodidade até hoje nunca conhecida.



Um modelo de assento de ferro da Harwood-Walsh Company, resolve sempre as suas necessidades em novos modelos de assentos de uma comodidade até hoje nunca conhecida.



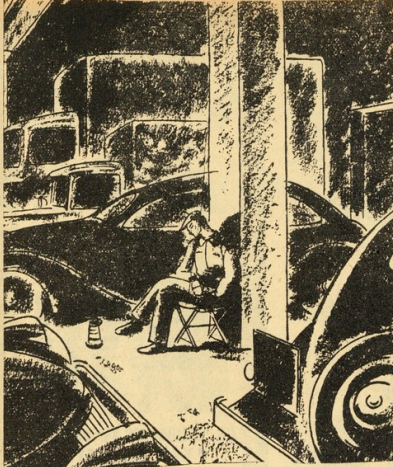
Um modelo de assento de ferro da Harwood-Walsh Company, resolve sempre as suas necessidades em novos modelos de assentos de uma comodidade até hoje nunca conhecida.



UMA FUTURA ESTRELA

A primeira estrela da América, a atriz Sam Barrett, que se apresenta como uma história de amor e de vida. O livro contém também as histórias de Sam Barrett, que se apresentam como uma história de amor e de vida.

POR GEORGES DUHAMEL
(DA ACADEMIA FRANCESA)



Os jornais do mundo inteiro disseram que Pieter Maes morrera ao descer a rampa de Hondan porque a tempestade o tinha cegado. Eu, porém, posso afirmar que Pieter Maes morreu, mas não por causa da tempestade. Teria morrido da mesma forma numa bela manhã de sol, a correr a vinte e hora pela Avenida dos Campos Elisios.

Nesse tempo, eu trabalhava como mecânico na grande «garage» Peugeot, da Avenida do Roule, em Neuilly. A casa pertencia a uma sociedade anónima, mas nunca viam os administradores, e só conhecíamos os sr. Peiat, o director, que era entendido em mecânica e sabia fazer-se obedecer. Um belo dia disse-me etc: «Pateurade, você vai prestarme um serviço: morres a beta do Lorin, o guarda da noite—Ele não vem hoje. Preciso de alguém de confiança: peço-lhe que fique na «garage». Uma noite passa-se depressa. O Lorin volta ao serviço amanhã. Nada tinha a dizer. Era uma ordem, delicada, mas uma ordem no fim de contas, e não me convinha perder o meu lugar. Nada tinha a dizer, mas andei todo o dia de mau humor. Parecia-me que o sr. Peiat não tinha combinado bem as coisas para me impingir aquela maçada. Era na Primavera, e as noites ainda estavam frescas—As ordens para o guarda da noite eram das mais rigorosas. Até à uma hora devia tratar da lavagem dos carros, fazer tudo, no fim de contas. Depois disso, podia sentar-se, com a condição de passar a noite ali, pelo menos duas vezes por hora, de olhar pela porta e de responder ao telefone se alguém chamasse. Afinal, era uma verdadeira noite em claro, uma noite a passar quase toda em pé. No ano anterior tinha havido, em principio de incêndio. Depois disso, o sr. Peiat, em pessoa, vinha, às vezes, vigiar o guarda da noite entre as três e as quatro horas da manhã, para ver como as coisas iam. Por isso, nada havia a dizer, e eu não disse nada. Mas só de pensar nela já tinha muita coisa a dizer. Não podia suspeitar que nessa noite ia saber coisas que só talvez a única pessoa a conhecer além de certos sujeitos que só dormem de dia.

Era uma quarta-feira, lembrome-me, isto é, em certos dias que não têm qualquer característica, e a noite que eu tinha de perder era a de quarta para quinta-feira. Se queres saber, era precisamente a noite de São Pancrácio. Com a minha bucha por volta das onze horas e comecei a esquadriñar a «garage», tirando, aqui e ali, um carro para lhe passar uma esponja.

Como mecânico, tinha de me haver com todo o trabalho da manobra. Há oito, em geral, três quartos de carros estão nos seus lugares. Fora só andam as pessoas que vão ao centro ou que jantam na cidade. Che-

gam uns a seguir aos outros. Ajudam a arrumar-se. São quase todas muito estúpidas—Vão-se embora depois, fazendo toda a espécie de recomendações, mais ridiculas umas do que outras. Há meninos que volta para trás, uma, duas e até três vezes, porque tem medo de se ter esquecido de desligar de fecho a gasolina ou de experimentar com o pé o pneu direito de trás, cuja válvula não fecha bem. Esses são os descobertos. Também os há que saem com um sorriso calmo, sem fazerem caso de nada. Assim que saem, no silêncio ouve-se a água do radiador, que está a pingar ou a gasolina que cai gota a gota. E se, por acaso, um tipo deita fora um fôseforo... Enfim, todos esses sujeitos são venenosos e quase sempre se julgam semi-deuses lá porque andam arrastados por um motor de explosão. Detemo-nos em paz. O que quero dizer-lhes é que por volta de uma hora da manhã, a «garage» está quase cheia. Começa, então, o grande silêncio noturno. Suponho que os guarda se habituam a este género de cansaço. Eu não estava habituado, depois de ter esquadriñado a «garage» de ponta a ponta, pelo menos umas vinte vezes, acabei por me sentar na cadeira de Lorin. O grande edifício estava iluminado apenas por uma lâmpada muito fraca, oculta atrás de um pilar de cimento. Tinha comigo uma pequena lanterna de mão que pus debaixo da cadeira para não me pesar.

Estive ali, durante bastante tempo, muito assustado. Não sei por quanto tempo assim estive. Ouvi o silêncio. Era profundo e quase terrível. Foi então que ouvi falar muito baixo, mas de maneira muito distinta. O que devo dizer-lhes sem mais rodeios é que não me assustei mesmo nada. Estava num estado de espírito que não pude esquecer, embora poucas vezes me aconteça estar num estado assim. Foi o torpor, o frio, o gote de conhaque que bebí. Não sei. Só sei que estava num daqueles momentos em que nada nos causa admiração. Já tinha dado, como sabem, mais de vinte voltas à casa, com uma lanterna na mão, e sabia bem que a «garage» estava deserta, que não havia ali nem um só ladrão escondido. Contudo, parecia-me muito estranho ouvir falar a só de mim, na escuridão que cheirava a gasolina.

O meu murmúrio era uma voz, não posso dizer que me desagrada, mas faz-me pena. Se soubessem como

é tímido! E o mais grave é que isso o tinha deixado. E capias a voz de alguém dispare e de não comprometer a ambos.

—O meu, disse outra voz, o meu é Ducaud. Eu enervava e perdia o sangue-frio. E você, seu carro preto, porque é que suspira assim?

Eu supunha ter a experiência da minha profissão. Estava na forma da vida. Tinha quase envelhecido nisto a que o sr. Peiat, nos tempos em que andava em balcão chamava as engasgas ou velhos guarda da noite com termos de reserva e de precaução. Um ou certas noites do ano, como que noites os outros no mais frio do solidão, e o mais curioso é que falavam sempre dos homens e dos donos.

—Eu — disse o grande carro preto — eu um pequeno sussurro interno, como se graçassem ao carburador. De súbito, numa voz chela de arrogância, disse:

—O meu é Pieter Maes, o grande homem de negócios, o homem das massas consistentes. Essa sua voz acasa, para uma vitória. «Temos «garage» própria e, em geral, fico em casa. Não pertencço à casa Fogk-Murmurava e de precaução. Um ou certa consideração passou pela fileira dos carros. Nessa altura, uma pequena caminheta de guarda-lamas amarelada, com os faros irregulares.

—Porque é que vocês o detestam?

—Ora! — disse o grande carro preto. — Por toda a espécie de razões. Em primeiro lugar, quer gular ele pedreiro. Nem o Ernesto, o motorista, nem os ficaram susfeitados. Depois, quando bebe, o que não é coisa rara, fica extremamente bruto. Além disso, não gosta de fazer negócios com estrangeiros, coisas muito inconvenientes. Desliga em plena marcha, liga ao acaso. Tem a mania de saltar a velocidade. É um bruto. É um alvare. Teima em me fazer pegar quando estou quase a perder o aliento, embora o correção me bata. Há de fazer-me velhos antes de tempo. Além disso, há o «kiazouf moussine», de ar triste e carrancudo — o kiazouf é um problema.

—Ah! — exclamou uma velha «kiazouf» do grande carro preto. — Diverte-se como um selvagem.

—O meu — disse o outro dos pequenos, que parece um kiazouf toco — meu faz isso quando se dá a volta. Não se esqueça a cultura, o ténis, a toca. É de endolceir!

—Ah! — exclamou o carro preto — se ao menos ele me deixasse fazer sempre o que eu quero! Gosto da suavidade das roupas, do meu casaco amarelado — quando ele — eu sinto — como sempre de dentes cerrados.

—Ah! Os homens! Os homens! — gemeu o camião que estava no fim da fila — quem vos diz com isso — exclamou um pequeno «Renault» que estava a fazer o mesmo velho monstro — Quando falo dos homens, não faço diferença entre salas e calçadas. O meu murmúrio é uma voz, não posso dizer que me desagrada, mas faz-me pena. Se soubessem como

—Digo que hei-de vingá-me.

Houve um grande silêncio, um silêncio não de revólvo e de cano e de terror. Ouviu-se uma voz dizer muito baixo:

—Diz você que hei-de vingá-me... Correu um murmurio por entre a multidão dos carros. E uma voz tímida, pensativa, balbuciu algures, na sombra:

—E porque não. Havemos de ver. Havemos de ver.

Não estou certo de ter ouvido claramente a continuação da conversa. Acabava de tomar um bom trago de conhaque. Zumbiam-me os ouvidos. Parecia-me que praticara um acto muito inconveniente, indelicado até, se continuasse na minha cadeira. Queria mexer-me, ler o jornal, começar a trabalhar, mas não conseguia sair do meu torpor. É certo que não tinha calor, mas sentia-me mal disposto. Em resumo, detestei-me ficar. E foi assim que passou para mim a noite de São Pancrácio. O patrão tinha-me dito que fosse dormir duas horas, quando chegassem os camaradas, mas bebi um bom café, e o desejo de dormir passou assim que se nasceu. Eram talvez oito horas quando vimos chegar à «garage» o sr. Pieter Maes em pessoa.

Era um rapagão forte, de mãos enormes. Vulgarmente nem sequer olhava para ele porque me era antipático, como o seu dinheiro e as suas histórias.

Nessa manhã, porém, fiz, contrariado, uma coisa inesperada. Aproximamente meio dia que fosse dormir duas horas, quando chegassem os camaradas, mas bebi um bom café, e o desejo de dormir passou assim que se nasceu. Eram talvez oito horas quando vimos chegar à «garage» o sr. Pieter Maes em pessoa.

Encolhei os ombros e disse duas ou três palavras que talvez fossem insultos. Quando se falia às pedras do caminho, fala-se pouco mais ou menos como Pieter Maes me falou. Chamo-me depois, estava no carro e sala da «garage» com um ruído terrível.

O motorista do sr. Maes contou-me mais tarde como aquilo foi, e os jornalistas de Paris contaram correctamente nos seus jornais o essencial da história. Pieter Maes, que tinha ido a Dreux para almoçar e fazer toda a espécie de coisas que fazem os homens de negócios, Pieter Maes meteu-se pela estrada de Paris ao fim da tarde. A noite tinha sido muito fresca para mim na «garage» Fogk, mas o dia estava pesado. Começou a chuva, sólido, irrepreensível. Debaixo do meu guarda-chuva, estava o carro e, ali, Pieter Maes arriscou, provavelmente, em uma daquelas coisas que, de repente, ficou ataraxado. Andou depois ao longo da estrada, e quando chegou, e tudo vertiginosamente depressa, enquanto trovejava e a chuva caía, ele respondeu a uma pergunta que me fez como animal raioso. O motorista não sabia mais. Flouco com o meu gesto, Pieter Maes veio ao hospital tempo depois. Pieter Maes, esse morreu, e não foi, certamente, por causa do meu «Agôro». Agora, quando estou só com os carros — bem vê, não quero que me toquem por dentro do meu carro, não quero que os carros, falto-lhes, muito baixo. Eles nem sempre respondem. É uma questão de sorte.

PAPERE PARA CARROS
34338 LISBOA TEL. 20244
Especializada em livros de escrituração e Artigos de escritório

PAGINA LITERÁRIA

por Alvaro Salema

A LITERATURA MEDIÓCRE E O PÚBLICO

A facilidade de proliferação da literatura mediócre não é, evidentemente, um fenómeno confinável ao nosso país. Em toda a parte e em todas as épocas as obras de superior qualidade se impõem — quando não se confundem, para a grande maioria — entre a legião innumera do que é superficial, insignificante e vazio. Entre nós, no entanto, abundância de mediócre constitui um regime permanente, muitas vezes desalentadora, que subverte numa impressão desolada do conjunto o que apresenta com mais elevado mérito. Para isso concorrem, entre outros factores que não cumpre mencionar aqui, o mundanismo petulante e grotesco de que se rotula numa sociedade sem esforços fortes de civilização o produzido literário; a completeza suspeita, associada com a tradicional abundância dos nossos costumes, que acerta, mesmo nos meios mais altos para bem julgar, a legitimidade da publicação da obra tola; o compadrio torpe, da grande imprensa que cede sem custo ao sempenhos, à solicitação, an otioso, à bulharia — quando não à corrupção que tudo vende; e, mais do que tudo, a falta de seriedade na educação estética nem vela crítica, capaz de aceitar tudo o que é vil por não ser nada como público literário — nada mais do que massa informada e cega, cada vez mais mergulhada na placidez da imbecilidade pela trácica que hoje renova em Portugal o beafico reino das estupideses, o incompreendido reino cartuesos.

Entretanto, despezam-se dos preços todas as normalidades do tolice, da vacuidade, do pedantismo em letra de forma, e nesse recíproco e complacente jogo dos autores mediócre e do público mediócre vão caindo cada vez mais na névoa da mediocridade as chamadas literaturas nacionais. A crítica dependuora teia, realista, muito boas razões para se remeter ao que, entre nós, parece ainda ser o mais razoável dos protestos.

FAÇA DE PAPEL

* Na sequência de uma obra de cultura filosófica e científica do mais elevado nível, publicou a Livraria Atlântida, de Coimbra, o trabalho crítico e epistemológico do Prof. Edmundo Curvelo, «Fundamentos lógicos da psicologia». Num país quase sem tradições de pensamento filosófico, este estudo de alta especulação crítica representa um esforço notabilíssimo e merecedor da maior admiração.

* Agostinho da Silva publicou «Glossas», série de reflexões de moralista e crítico que sabe encantar limpidamente e com plena sinceridade as questões mais decisivas que se apresentam à consciência humana. Na bejeza do seu estilo e na perfeição das sínteses que fundem o que é mais íntimo com as solicitações

sociais do homem vivo, Agostinho da Silva criou entre nós um tipo superior de expressão literária e de pensamento.

* O Professor Vitorino Magalhães Godinho publicou «A crise da história e as suas novas direcções», ensaio de filosofia histórica e política que representa laboriosa reflexão sobre os problemas fundamentais do nosso tempo.

* António de Sousa e Flávio Torres, epistolários representativos das novas gerações de intelectuais e investigadores, publicaram pela Empresa Contemporânea de Edições dois volumes de interessante divulgação histórica: «Civilizações fluviais» e «Sociedades primitivas».

* «Panorâmica da literatura norte-americana», ensaio de Francisco José Teixeira, constitui valioso roteiro de orientação para quem desejar conhecer a literatura nova e de inovadora intenção que nos Estados Unidos tem surgido.

* «Conjuncto» apresenta, em antologia de escritores modernos, os mais expressivos textos de Frederico Garcia Lorca, Penri Buck, Aragón, Pablo Neruda, Guillermo de Torre, etc., que constituem interessante revelação para os leitores portugueses.

«REGRESSO À VIDAS», por Armando Páscua

É este o terceiro romance publicado de Armando Páscua, cuja obra apresenta os atractivos bastantes para merecer o interesse do grande público em busca de revelações que concordem com o seu gosto. Ora pouco conhecida, no entanto, apesar das reais qualidades que revela; mas o autor pratica o estilo de romance que a muita gente parece hoje antiçipado, sobretudo quanto à formação literária se constitui definitivamente sobre outros moldes e intenções de maior directiva social. Armando Páscua escreve numa forma clara, de expressão directa e simples, lacada de impressões líricas e de reminiscências íntimas; os seus temas, personagens e acção romanesca em geral, assumem o esse mal velado de um especial romantismo que fez a sua época com os neo-garretinismos; embora o autor o encorpore em presença mais realista das coisas — a paisagem, os costumes, os dramas humanos — sempre perdura esse impressão que, por ser um pouco anacrónico, não deixa de conter as suas especiais aduções.

«Regresso à vidas» está bem construído como romance, embora o agradável episódio e os retratos de personagens inspiradas ou nitidamente moldadas na vida real. Falta-lhe, porém, o fogo interior, a visão intensa do que é mais humano no homem, quer no aspecto íntimo quer na situação perante o mundo. Armando Páscua não é, sem dúvida, um forte personalidade literária; mas é um escritor sincero, simples, capaz de narrar com agiltude pequenos dramas e de pôr terminus a sua obra. Se for mais longe na definição dos caracteres e os integrar numa mundana mais viva, mais apaixonado, mais expressivo, poderá vir a realizar obra de maior significação literária e mais profunda conteúdo e da forma do tempo a que estamos cingidos.

«NAO HA NADA MAIS SIMPLES», por Vergílio Godinho

O primeiro romance de Vergílio Godinho, «Calcanhar do mundo», foi acolhido com exorbitante favor em certos meios literários. Parece ter havido muito por expiar, esforçadamente o autor a um nível de consagração que a obra não justifica em literária actual, como compensação da penúria de valores reais e novos que se verifica em certo sector da vida portuguesa. O motivo é compreensível e exprime um crítico afirmando que este romance escarceia, risonadamente não transige com a demagogia. Sabese o que isto quer dizer entre nós. E sabe-se também que o prémio Ricardo Malheiro, académico exhibicionista de favor literário, não é testemunho muito válido para quem se quer sério.

E, no entanto, as possíveis virtudes estéticas do autor só podem si-

tuar-se no mais mediócre; o refinado e artificial da forma, os procedimentos a realismo veraculo, mais falsa e cultiva; o convencional das situações; «o título «Náo há nada mais simples» — sem sinceridade e sem vida; o optimismo presente que faz sentir certa propaganda turística de mau quilate, convertida em literatura; um ruralismo intencionalmente exteriorista, semi-verdade e pitoresco sem graça. De tudo isso se encontra nestes contos reunidos sob o título «Náo há nada mais simples» — obra que atesta grande esforço na pesquisa dos temas e na elaboração da forma. Nem páginas agradáveis, sem dúvida; mas se alguma coisa se deseja ao fim delas, será mais naturalidade e frescura — maior humanidade, em suma, coisa que tanto falta nestes escriptores que não transigem com a demagogia...

«ZODIACO», por Leo Negrelli

Não se sabe por que estranho fenómeno os autores Italianos que actualmente vêm publicando entre nós as suas obras atestam tão declarado pendor para a fantasia à solta e sem barreiras. Negrelli, homem de jornalismo oficioso em outros tempos, traz a público neste seu livro uma contida série de aventuras entre o mito e a realidade, uma curiosa mas informe experiência literária: mistura de conto moldado em realidade e de imaginação desencadeada à toa, de pitoresco exterior e de aventurismo na expressão psicológica das figuras, de digressão turística (que lhe dá, talvez, os melhores motivos do livro) e de alucinação. Dal resulta, é claro, o livro desordenado, sem unidade alguma na forma e na intenção — mais cheio de curiosidades. Negrelli escreve com inequívoca intenção, provando alta civilização literária e capacidade crítica, mas que não se cingiu a um equilíbrio de composição; mas o seu talento valioso contém estas aventuras entre o que se encontram neste livro de fantasias muito claras reflexos — justamente de estilo turístico. Mais que cabe, em que a ficção se alia melhor ao «jeto» descritivo, em que a vivacidade de estilo turístico, mais cronista do que contista, Leo Negrelli compôs para o nosso público uma obra que, em pelo menos, o mérito da originalidade.

«OS ÚLTIMOS HOMENS DA LUA», por Lorenzo di Pappa

Traduzido por José de Sousa Soares, o livro de Lorenzo di Pappa,

(Continua na página 14)

LIVRARIA ECLETICA
LIVROS NOVOS E USADOS

Compre grande e pequenas bibliotecas

Calçada do Combro, 58 — LISBOA

Bernard Shaw e o pessimismo

INTERROGADO recentemente sobre a obra de George Bernard Shaw, não parece ter levado tão longe como seria de esperar, a sua placida mas cortante ironia. A resposta que deu ao assunto a um jornalista ousado que o entrevistou, foi ainda muito ligada às suas preocupações actuais de «lousissim» bem relacionado na vida e sem pressa de a deixar para usufruir até ao fim as benesses que conseguem pela sagacidade e pelo sentido económico que o caracteriza. «A bomba atómica converteu as guerras em mais necessárias do que antes», respondeu, sem pena dizer as duras verdades, porque isso só serve para nos fazer cair em cima uma chuva de inimigos — dessa fatta de todas as pessoas sinceras». Consta que o dramaturgo genial e ironista insuperável anda seriamente desiludido com as incertezas da fama.

Efectivamente, o maior fracasso cinematográfico de 1945 foi o do filme «César e

Cleópatra», baseado na célebre peça de Shakespeare. Bernard Shaw — que não encontrou a compensação do éxito público.

Shaw vai fazer noventa e seis em 26 de Julho próximo; e o melhor refugio para o seu pessimismo é a horta em que passa o melhor do seu tempo, embora consagre algumas horas por dia à composição de uma nova peça sobre cujo título e características se tem referido em algumas ocasiões. Mas que tem, respondeu com um encolher de ombros: «800000 escreveu uma das suas melhores peças em 1905, e desde então escreveu também eu o poderé fazer». O pessimismo em que se associam como factores a bomba atómica e os fracassos cinematográficos não tem afectado, pois, o que mais importa em Bernard Shaw: o enriquecimento da sua obra imortal.



Água Dentífrica **MONTEGIL**



Uma linda
dentição é um
complemento
indispensável
da beleza
feminina

Use a Água Dentífrica
MONTEGIL

CITROËN

ALGUMAS UNIDADES
DA PRIMEIRA REMESSA
DE CARROS FABRI-
CADOS APÓS GUERRA,
ESTÃO EM EXPOSIÇÃO

NO

STAND CITROËN

Avenida Praia da Vitória, 73-B

PARA ESTE MÊS ESTÃO
ANUNCIADAS OUTRAS
REMESSAS MAIS
IMPORTANTES

FRANCO FERREIRA & C.ª L.ª

Agentes exclusivos de Automóveis
Citroën no Distrito de Lisboa

INAUGURAÇÃO DA BARRAGEM DE PICLE

A Guiné conta, desde 13. Maio, com um notável melhoramento a grande barragem de Picle, no posto administrativo de Biondo, concelho de Bissau.

Nela empregaram os seus esforços, convencidos da importância que daí adviria para a cultura do arroz daquela região, milhares de indígenas.

Trata-se dum grandioso empreendimento de fomento agrícola, constituído por uma barragem cuja extensão de outeiro é cercada em mais de 14.000 metros, e tendente a preservar as várzeas da invasão da água salgada.

Na cerimónia inaugural, a que assistiu o sr. governador, acompanhado da senhora de Sarmento Rodrigues, muitos indígenas exprimiram o seu grande contentamento pelo importante melhoramento.



O padrão comemorativo do acontecimento



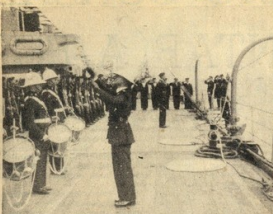
Um aspecto da barragem

Os finalistas do Campeonato Internacional de «Golfo», do Estoril, D. Luis Araújo, vencedor, e o Conde de Barcelona.

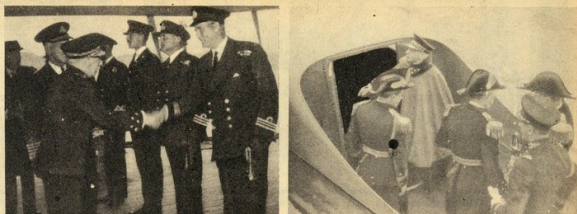
O sr. Ministro da Educação Nacional visitando a Exposição de Encadernações, na Livreria Bertrand



A "HOME FLEET" EM LISBOA



A chegada do Chefe do Estado a bordo do «Nelson». A guarnição formada em continência.

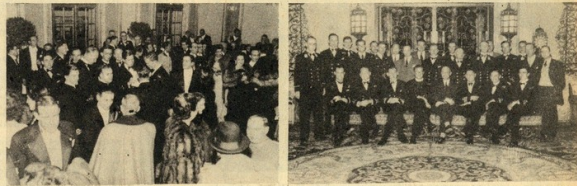


O sr. General Cormona cumprimentando os oficiais superiores da «Home-Fleet»

O embarque do Chefe do Estado para bordo do «Nelson»



Um aspecto do «hall» do Teatro de S. Carlos



Aspecto do teatro de S. Carlos na noite de gala em honra do «Home-Fleet»

A Associação Naval de Lisboa ofereceu um banquete a alguns velejadores que faziam parte da «Home-Fleet», no Aviz-Hotel, ao qual assistiram alguns oficiais do navio-almirante e dos contratorpedeiros da esquadra inglesa e directores da Associação Naval de Lisboa.



Almoço de confraternização em Cavalario



Dirigentes e sócios do Ginásio Clube Português, no banquete comemorativo do aniversário daquela prestigiosa instituição de Educação Física

O homem e a gravata

MANUEL MARTINHO

LISBOA tem, hoje, o habito da gravata. Pode mesmo dizer-se que aquela pedaga de pano, de tão anqueratado sob o colarinho, é um simbolo de sociabilidade. Há anos, usar uma gravata era uma deferencia. Certos cafes e casas de diversões tinham, mesmo, na porta, um diatico gritante, como um bom sato's inglês de apresentação: «É prohibida a entrada sem gravata». Modernamente, porém, a gravata nada representa. Vai ás hortas, por via do vinho e do peixe frito, como entra no «scullions», saracotado de «swing», com Fijis cinefilas desejosas de namoro. Sabedor disso, o negociante arrepalva o olho e põe-se a especular com a frequencia. Uma gravata decente, de seda, comprase por uma centena de escudos. E julgan, naturalmente, que o objecto vai durar uma eternidade?

Enganam-se. Se não se estraga no nó — passa, pelo menos, de moda. Umaz vezes usam-se ás pintas, com bolas, e berrantes; em seguida, com riscas vivazes, alegres; outras occasiões são lisas, sem enfeites. O homem, que é um tólo e um servo da moda, gasta o dinheiro para satisfazer os caprichos desses ditadores negociantes, mil vezes ruinosos, que espalham pelo mundo os trapos de prodigios inventiva. Houve um tempo em que o homem usou o laço.

E tudo isso tinha o seu carácter próprio. Os revolucionários dos comícios, os exaltados das assembleias, os protectores da ingenuidade do povo desfraldavam, no colarinho mole, as pontas largas desses «Lacallieres» arrebatadores, com bacalhau a patoco e liberdades de fantasia. Os cantões, os elegantes do Passeio Público, vinham, apertaditos, de sobreavassoa cor de alicrim e lacinio branco, engomado, no peitinho teso. A gente do povo punha, no domingo, gravata de riscado e julgava-se importante — como se tivesse alcançado uma carta de alforria.

Tudo, porém, se democratizou. O chapéu alto, da sociedade elegante — subiu para o carroceiro, no Estrado, uma selta afadistado. E a gravata nada define. Fialho de Almeida quando se refere ao Sérgio violonc'hita, esse genial artista que locuta no café do Socorro, diz que havia duas espécies de homens: os que usavam gravata — e os que não a usavam.

No primeiro grupo punha os tratantes, os imbecis, os que se querem distinguir. Hoje, na verdade, já nada se poderá distinguir. Qualquer moço de esquinha tem calça de fantasia — e repuxa dum subdulas da galveirra de prata. A mulher a dias faz permanentemente pinta as unhas e tem um aboiéro de pelica. Que dizer, pois, dos homens?

Que as gravatas indicam, apenas, uma questão de gosto. Ai, sim, ai o homem distingu-se. Unicamente nos espanta é a desfaçatez do preço desses objectos. Uma costureira de gravatas ganha uma miséria. As sedas são retalhadas.

Pois se quizerem uma coisa em termos, dêem de cinquenta a cem escudos!

É o pior de tudo — é que se vendem melhor as mais caras do que as baratas. Faz-nos lembrar aquella paródia dos volta-mistas quando, cheios de dinheiro, pediram, num bazar, uma boa caneta de linta permanente.

— Das mais caras, sim! E para trazer no bolso, a meter vista, que nós não sabemos escrever.

RAFANEL BORDALO POETA E O

(Continuação da página 3)

do Marquês de Labroreil, lambica de quatro, a de Pinto Barreiros, a do Corde de S. Martinho, Marquês de Custio Melhor, José Malhou, etc., tudo isto numa grande louca desfofa, freada, entre nuvens de poesia! A estrada, cheia de gente, e quando, à entrada da vila, avistamos a tribo de sal os touros, não se calcula o entusiasmo! Era um belo espectáculo, cheio de alegria, de sol e de vida!

Além de tudo isto, ainda tínhamos a grande festa no dia 15 de Agosto, com as suas festas, épica-nões nos arredores e divertidas burricadas. Enfim, não se parava!

Mas, como não podia deixar de ser, havia uma coisa que, para muita gente, era desagradável. É o chamado «Céu de vidros», que ainda hoje existe. É um largo corredor, envidraçado, com feios e incómodos bancos aos lados, que liga o Parque da Copa com o largo do Hospital. Mas, é claro, que havia quem gostasse e passasse ali toda a estação calmosa! O desgraçado que o atravessasse era atrocemente decepcionado. Nem os seus parentes antepassados escapavam! Diziam: «uma vez, Rafael Bordalo, que me fundu ora um acanhado, que detestava aquele céu», com santos de línguas tão compridas e com um guarda-portão tão malcriado!

Ora estando eu uma tarde na fábrica de cerâmica, o que muitas vezes acontecia, a ver trabalhar o Mestre, com o seu velho operário Manecha, vieram-lhe dizer que, junto ao portão, estavam os senhores Marqueses de la Conquista, com sua filha, os quais lhe pediam licença para visitar a fábrica.

Bordalo largou logo o que estava a fazer, e chamando, à pressa, um aprendiz, mandando-o trazer uma bota. Quando o rapaz voltou aproveitou a ocasião para me despedir, mas o Mestre, não me deixando partir, disse-me: «Fica, peço-te, porque eles trazem a filha, e esta visita à fábrica, para a pequena, deve ser uma grande estapada, porque, compreendes bem, que a não pode interessar boteço de barro mostrados por um velho!»

Fiquei, mas fui dizendo: «o senhor Bordalo pede-me um grande sacrifício, porque não sei se sabe que a filha dos Marqueses é um estado bem, do respeito!» «Esi, sei muito bem,

por isso mesmo ficaste a dever um grande favor», respondeu o Mestre, dando gargalhadinhas.

Enquanto ele acabava de se arranjar, espertou os Marqueses — que, em baixo, junto ao pequeno «chalet», conversavam. Ele, então, já de uma certa idade de louba grávida, muito distinto. Ela, também com os seus cabelos brancos, bom ar, devendo ter cerca de trinta e poucos anos, muito formosa. A filha, alta como o pai, cabelo muito preto, feia, com um enorme nariz.

Não fazia honra à Espanha! O Marquês apontava com a bengala para o «chalet», parecendo encantado. A filha, sem dizer palavra, não escondia o seu aborrecimento.

O Mestre tinha razão, a smuchacha estava entalada. Avançados, então, para o grupo. Depois dos cumprimentos e das apresentações, comecei a visita à fábrica de Bordalo, mostrando-lhes todas as suas lindas faianças, falava um tão mau espanhol que o Marquês, a pédonas tantas, com muita delicadeza, não resistiu a dizer-lhe: «D. Rafael, é melhor usares melhor português».

A visita foi bastante demorada. Depois de terem admirado belas maravilhas que tinham visto, a maneira gentil como os tinha recebido, e que iam dali encantados com as maravilhas que tinham visto, a despedir-se, o Marquês, puxando de uma magnífica charuteira de ouro do Beto, ofereceu a Bordalo um grande charuto, dizendo: «D. Rafael, aqui te dou um pouco de fumo».

Mais uns apertos de mão, e lá foram andando por aquela linda estrada.

Caiu a tarde. O dia tinha estado lindo e quente. Começava a escurecer. Ouvia-se, somente, o cantar dos raios. No campo, aquela hora, sempre sempre assalados por pensamentos melancólicos. Bordalo, que olhava, ora para o grupo, que se ia afastando lentamente, ora para o «piuro», que tinha mão quebra o «alvão perguntando-me: «Ouviste, não é verdade, a frase do Marquês? «Aqui te dou, um puro P-ra fumo!». Pois bem. Sabes no que estou a pensar? No que aquele homem imaginava que eu ia fazer ao charutos.»

BRINCADEIRAS RARAS

(Continuação da página 9)

«Ei! subiu della luma, diffiilmente titilo o romãto, romãto, romãto» o apresenta em Portugal. Trata-se antes de fantasia alucinada, pitoresca, diabólica de charges e incensuráveis, que o autor não aceita quaisquer barreiras de equilíbrio formal de conteúdo. A historieta que descreve passasse na lua, o que liberta o autor do colete de forcas da verossimilhança, mas não tem, como as figurações fahulosas de Swift, o cunho da ironia expressa em símbolos de evidente paralelo com as realidades comuns do homem, nem o intuito de antevista preventiva, sentida, que caracteriza, que encontramos nas crónicas fantásticas de Wells. No sentido literal da palavra, não é «sua», mas «sua», e quando o percorre com outros desenhos que não sejam os de divertimento e desatino, em contraria, «sua», muito que verberar. É que a fantasia em literatura, para ser realmente boa literatura, tem o âmago de se submeter a certos cânones e manter certas condições de equilíbrio na representação da realidade. O homem de bem, Poppa não conhece quaisquer normas estéticas ou críticas nesta criação desordenada e sem qualquer sentido, e não apenas que é pitoresco — qualidade que, em literatura, é sempre subalterna e não merece, só por si, grande êxito.

Nome que sou de esperar
(Continuação da página 21)

À medida dos seus sucessos — que ignoram a duração e a importância, o inconformismo, porque tem a certeza de que depois da merba baixa, há de vir, inevitavelmente, a maré cheia.

A sua vida foi um rodízio de paradas — uma das estas e das outras vidas que detinem Hollander. Um homem com uma existência assim não pode lutar contra os caprichos da Deusa. Porém, não, quando principia a colher da vida o que ela está a colhar, a segurar a glória, a fortuna, a celebridade, a maré, não quis esperar — pelo momento que soube e parou.

Quem é o novo presidente do futebol?

(Continuação da página 13)

na vida sãda do campo, o rejuvenescimento do corpo, a agiltidade e a destreza nos movimentos.

Ovelho «Internacional», clube de «élites», ali as Salazarinas, teve o «caso» de muitas gente de acção, muito briosa nos lances mundanos como nas ardorosas lutas dos campeonatos. Com a popularidade do futebol, o amadorismo deixou, praticamente, de existir. Tornou-se um espectáculo com hibetes caros e já sem o exaltado de «snobismo» — e exigências forçadas, menos atléticas do que espectaculares.

Os clubes vieram, assim, a necessidade frenemente de arranjar jogadores, talmente se tratavam de artistas para entretenimento das multidões. Os grandes clubes, à medida que as ideias iam avançando — basta lembrar que os campeonatos dão rendimentos de centenas de contos e que as cotizações dos associados sobem a outro tanto — mandam, pelas províncias, autênticos empresários do jogo da bola para descobrirem algum jogador habilidoso, que, depois, há de ser novo ídolo. O futebol criou, assim, uma rivalidade — até a política — entre os mentores, os dirigentes das massas associativas. Um clube pode perder um campeonato por infelicidade dos jogadores — os sócios, porém, acham logo que a responsabilidade deve recair sobre o clube. E por isso que um dirigente desportivo tem de possuir requisitos especiais para a função. Deve ter um certo poder de persuasão, que é, por assim dizer, a couraça com que evita seus actos tem de andar revestidos.

Ora poucos dirigentes terão conseguido um prestígio do tipo de Manuel Afonso, de novo na direcção do popular Sport Lisboa e Benfica. Homem habituado a servir, com perseverança, a causa do desporto, ele tem realizado uma obra digna de admiração.

Dirigiu o B. «ca» durante seis anos consecutivos. Atravessou crises e esplendores. Ajudou a sair de conflitos e a repor, nos devidos lugares, a verdade — a que a intriga e as tréguas de «café» tinham impedido permanecer na nebulosidade — em desprimo do desporto.

Manuel Afonso não cedeu como dirigente desportivo.

Antes, porém, de ingressar nas fileiras dos orientadores do desporto, já a sua inteligência dava boas provas, como prestigioso elemento das classes operárias, em movimentos de cooperativas e certas reivindicações de classe.

Porque Manuel Afonso não traz debaixo do braço o canudo de bachelarel ou o titilo pomposo dum ex-qualquer coisa — que nunca fez nada. «Trabalhou sempre — e trabalha ainda como sub-chefe duma secção operária dum grande departamento do Estado. Hoje, dirigiendo o Benfica, pela vontade de 15.000 sócios, ele que desceva a vida a ficar quieto — teve, no dia da sua posse, apenas uma afirmação para dizer à «ca»:

«Sou um homem de trabalho, apenas! E o que posso prometer: trabalhar sempre».

Manuel Afonso, que tem a «Araba de Ouro», a maior distinção que a popular e colectivista «ca» poderia agradecer o muito que ele tem feito por ela — é bem, neste momento, o símbolo dos dirigentes leais e dedicados que só pensam servir, a bem do desporto, unindo no mesmo desleixo a massa associativa a quem o clube que dirige já não deixa vez maior!

DETROLEO

PEVER

A pintura dos cabelos torna-os duros, asperos e quebradiços. O Petróleo Pever, com o seu óleo salutar e lubrificante sobre o cabelo piloso, evita estes inconvenientes, dando-lhe saudável aparência e performance. Ainda, pois é uma ótima loção.

PEVER

Carrinhos para Bebê Brinquedos

Os nossos carrinhos são fabricados da acrorizada massa.

A pranto e com facilidades de pagamento

J. COSTA & SILVA, L.º
R. Arco do Bandeira, 79, 1.º
LISBOA — Telf. 26713
(Atendem-se pedidos da província)

CORREIO

CASA FILATÉLICA J. FELL

Se ainda não tiver o nosso novo "PRECARIO DE SELOS RAROS E NOVIDADES" peça que lhe seja remetido

Os melhores preços e o maior stock
Compramos selos clássicos de todo o mundo

R. da Prata, 184, 2.º - Lisboa - T. 23508

Compre... Assine...

"Os Meus Serões"

o melhor revista no género — A mais artística

RENDAS, BORDADOS, MODAS, ETC.

Direcção artística de Beatriz Ribeiro

Pedidos à

Agência Internacional Lojas das Figuras
Rua de S. Nicolau, 119, 2.º Rua Augusta, 185

Avulso 2500; Assinaturas: 6 meses 10500; 12 meses 20500



Fachoda da Casa «Citrália»

A BELEZA FEMININA MERECE TUDO E A ELA SE CONSAGROU A “CITRÁLIA”



Um aspecto interior da Casa «Citrália»

NXO é das menores ou menos convincentes provas da inteligência feminina o facto de uma senhora saber escolher, precisamente, os produtos de beleza que lhe convêm.

Até porque a beleza é o grande tesouro da Mulher, criminoso seria desperdiçá-lo inútilmente, com o emprego de produtos que apenas podem servir para a vaidade se enganar a si própria...

O que está certo — e nem sempre é vulgar, é uma senhora saber, dentro da natural economia, que é o lema da hora actual, escolher o tipo de produtos que servirão para realçar os seus naturais dotes de beleza.

Essa possibilidade magnífica para as senhoras portuguesas acaba de lhe dar «Citrália», o novo e elegante estabelecimento da Rua da Prata, 260, que surge, prodigiosamente, na hora própria, em que a natural economia não pode andar longe da beleza e do bom gosto.

As senhoras que tratam como devem a sua cutis, que pretendem manter a frescura da pele e procuram conservar a sua beleza ou fazê-la realçar, têm agora,

ao alcance dos seus desejos, os produtos «Citrália», que não temem confronto com os melhores produtos similares.

«Citrália» é na rua da Prata, 260, e vai ser o recanto de Lisboa frequentado pelas mais elegantes senhoras da capital.

Alguns produtos da casa «Citrália»



A partir do próximo número esta revista passará a vender-se avulso a 2 escudos

COMPREENDEMOS perfeitamente que sua circunstante crítica em que se vive, constitui um problema grave aumentar o preço de qualquer publicação. Mas, a fim de fazer frente ao seu orçamento, evoluam-se de dia para dia. É uma verdade que constatamos por experiência própria.

Mas tal como os indivíduos, uma publicação também necessita de um mínimo indispensável para poder viver. De contrário, é o estoiamento, e a ruína — o fim.

Ora se em cinco anos de publicação regular, «Vida Mundial Ilustrada» não podendo manter-se, não tem sido só porque as suas receitas próprias têm bastado para isso. Tem sido também porque, tendo-se desviado grande parte da paixão que temos pelo jornalismo, não temos hesitado em fazer por ela alguns sacrifícios grandes, não só em esforço como até em dinheiro.

Todavia, esta revista tem, para o nosso meio, bem entendido, uma liturgia relativamente grande. Superior, mesmo, à da maior parte das publicações do género que existem entre nós. Mas, dado o volume do seu custo, devido especialmente ao seu processo gráfico, excessivamente dispendioso para um país de tiragens limitadas como o nosso, as receitas provenientes da sua venda e da sua publicidade têm-se tornado insuficientes.

Agora, que todos os encargos se evoluam, especialmente o do papel, em que o aumento atinge 60 %, chegam o momento grave de pedir aos amigos de «Vida Mundial Ilustrada» que compartilhem dos nossos próprios sacrifícios. Como?

Acordando num aumento, quase insignificante, de 20 cêntimos por número. Assim, a partir da próxima semana, esta revista passará a custar, avulso, 2 escudos.

Os nossos leitores fiéis serão os primeiros a compreender, certamente, estas novas próprias dificuldades, as nossas dificuldades.

E por isso confiamos que não deixarão de corresponder ao nosso chamamento. Se o fizerem, como esperamos, esta revista poderá manter-se. De contrário, seremos de reconhecer que todo o nosso esforço resultou não só inútil como inútil. Todavia, podemos ter o orgulho de chamar que «Vida Mundial Ilustrada» tem constituído uma das melhores

realizações do nosso jornalismo; tem servido a uma boa forma que a honra. Ainda, há bem pouco tempo um grande jornalista europeu, director de um dos mais importantes jornais de Espanha, de visita entre nós, declarou espontaneamente que, considerando esta revista, no seu género de revista popular de actualidade, uma das melhores que existam e mais bem feitas da Europa!

Recentemente, também, recebíamos de um amigo português uma pequena lanquaque grande para uma revista igual a esta. «Vivevê vivaz até cá — é fórd aqui a pequena fortuna de pouco tempo!» — foi a frase expressiva do escritor emblema que se nos dirigiu.

Mas porque queremos continuar portugueses, porque queremos continuar em Portugal uma obra de jornalismo que possa dignificar o país em que nascemos e servir uma actividade que deve constituir um dos índices do seu valor, continuamos onde sempre nos encontramos, embora melhor compreendidas pelos estrangeiros do que pelos próprios portugueses — em e contra a partida, a fim de conseguir comercialmente compensação para o nosso esforço, o que seria legítimo, mas não pelo contrário, correndo o risco grave de não se atingir as condições de vida indispensáveis para a revista poder prosseguir na sua carreira.

É isto porque? Porque a mentalidade da grande maioria do nosso público continua a ser a mesma. Apesar da difícil situação económica em que se vive, não é só por esta que uma grande parte desse público se mostra desinteressado pela leitura. Porque é fácil constatar que não deixa de encher os cinemas, os cafés, as barras, os estabelecimentos de recreio, de jogos, de touros, e até de «fado»?

Alguns desses espectáculos servem para distração de futuros ocupações diárias. É certo. Mas outro há que não abandona lá muito o nível mental de um povo. Seja por incompreensão ou seja por ignorância, dá que os portugueses, na sua grande maioria, continuam a mostrar-se incapazes de se dar por bem empregado um escudo ou dois na compra de um jornal ou de uma revista — a insignificância que, muitas vezes, se habituaram a dar como esportula ao trabalho e ao empregar!... Se bem que seja dura — esta é que é a verdade. É esta verdade que é preciso ter o corajoso de proclamar!

J. C. G.

BENLLIURE Noel Perdigo

(Continuação da página 17)

(Continuação da página 22)

nosso grande escultor Teixeira Lopes, com quem muito conviveu.

É enquanto damos uma volta mais pelo estúdio grande, a abarrotar de crónicas artísticas, após nos termos despedido já daquele simpático anão cujas mãos voltaram outra vez a sentir a desagradável frescura do barro mole, lembrarmos-nos das gentis amazonas do final do século passado, cujos corpos exageradamente cintados e brutalmente cintados entre barbas de baleia, eram tão ridículas, em nosso parecer, como aquelas sobranceiras e aquelas bocas com que Benlliure não pode transferir. Cuida época, mas consigo um tipo de mulher — o dos nossos dias não é mau de todo, digam lá, o que disserem! É a expressão de uma época, época de velocidades e de racionalismos.

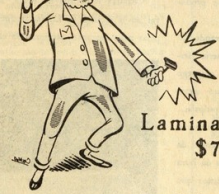
Madrid, Novembro de 1945.

TORNEIRA TAGO

EVITE os incómodos e aborrecimentos utilizados em sua casa as Torneiras TAGO

TORNEIRAS PARA TODAS AS APLICAÇÕES

Ei-lá! Está sim! Encontra a lamina ideal



HOWARD

Laminas americanas \$70 cada

Grandes descontos para revendedores

Rua de Conceição, 147 ~ Telef. 2 2550

O Ordeño Scalabiano vai cantar Espanha

(Continuação da página 13)

nos parece digno e útil nos serve para a realização da nossa obra.

No que respecta à beneficência, além de outros pequenos empreendimentos cito a campanha que iniciámos a favor dos Jarritas-escudos, e que não têm sido alheias a eloquência e aos conhecimentos de pedagogia do Dr. João de Deus Ramos.

Os alegres cortados de cretone de Abádis Viamer se lá, gritando a sua politermia.

O Dr. Umberto Lopes despediu-se e desejou-nos sonhos felizes.

Sonhos felizes... Foi ironia, por certo... Todos os sonhos, por mais felizes, são apagados e inápidos, e depois daquela noite de arte... que nos pareceu uma noite de sonho...

CARLOS RUAS

(Continua)

História da Guerra

(Continuação da página 18)

manha existe, assim, uma verdadeira legião de estrangeiros constituída por milhões de indivíduos que constituem um gravíssimo perigo. Os alemães não o ignoram. Basta, para reconhecerem isso, que atentem o cuidado com que a Gestapo limpa as fábricas e oficinas de todos os elementos de mentes que mantinham anteriormente ligações de qualquer espécie com os antigos partidos socialistas e comunistas, para manter a pureza da indústria alemã, emprega uma verdadeira multidão de espões. Agora é uma legião enorme de estrangeiros que esses espões são obrigados a vigiar cautelosamente.

Tal era a situação na Alemanha quando se produziu o desastre de Estalinegrado, sem dúvida o de mais graves repercussões morais para o Reich nacional-socialista.

CINCA CABRAL SCSIPA

(CASA DE SAUDE)

GINECOLOGIA E OBSTETRICIA

CONSULTAS DIÁRIAS DAS 10 ÀS 21 HORAS

(Hora marcada)

AV. ANTÓNIO AUGUSTO DE AGUIAR, 15 - TELEF. 4 1195

UMA GOTA DE «HERPETOL»

e o desejo de coçar passou. A irritação é dominada. A pele refresca-se e o alívio começa

«HERPETOL»

é um medicamento sério e certo para todos os casos de ECZEMA (Dermite do sono), crasseis, feridas, urticárias, eritemas, etc. etc. etc. HOJE ALIVIA AQUELE QUE ATENDE A UMA MELHORA

Venda em todas as farmácias e drograrias

Preço avulso: 11\$00

EM CASA DE BENLLIURE

O GENIAL ESCULTOR NÃO TRANSGIGE COM AS SOBRANCELHAS RAPADAS E COM AS BOCAS DISFORMES...

ENTREVISTA EXPRES-SAMENTE CONCEDIDA À LUÍZ DE QUADROS PARA "VIDA MUNDIAL ILUSTRADA"

— Me gusta especialmente esculpir mulheres. Também niños.

E falamos-lhe das mulheres de agora... Diz-nos que dos costumes de hoje o irrita especialmente a estética feminina. Don Mariano não transige nem com as sobrancelhas rapadas nem com as bocas disformes... É que um artista como ele, que lidou com tantas mulheres belas cujas formas perpetuou no mármore ou no bronze, não pode conceber os exageros estéticos das mulheres da actualidade. A Benlliure também não agradam as mulheres de calças ou de calção de montar.

Falamos-lhe a seguir de Portugal e dos portugueses. O Mestre tem as melhores palavras de apreço para o Mestre o que é que gosta mais de esculpir:

lho que tem entre mãos, e diz-nos: «Vamos lá cima, quero mostrar-lhe outra escultura que estou fazendo». E seguimos Benlliure por uma bem empinada escada que nos leva a outro salão.

Com cuidado tira os panos molhados que protegem o barro já bastante modelado, e olhando-nos através dos óculos de lentes grossas, pergunta-nos: «Le gusta?».

A escultura inacabada apresenta-nos uma criança acariando um gato... E então que perguntamos ao Mestre o que é que gosta mais de esculpir:

fazer vinte e um anos para Roma a frequentar a Academia de Espanha que o estadista Castelar ali fundara recentemente. Então — diz-nos o Mestre — *«solido el cineel y el escopio por la acuarela taurina»*. E as suas aquarelas taurinas de cenas camperas andaluzas obtêm em Itália grande êxito; porém, Mariano Benlliure depressa aborrece os pincéis para regressar de novo à escultura. E na primeira exposição de Arte apresenta o seu famoso *Monogulito*. Era o primeiro intento para sair do campo das grandes proporções e da linha majestosa e clássica. E a escultura em questão obtém o segundo prémio da Exposição, e não o primeiro, porque o júri alega que o concorrente é demasiado novo... Mais tarde Benlliure é nomeado director da Academia de Espanha, em Roma, onde pintara aquelas curiosas aquarelas sandaluzas... Pelos «atellers» da Academia passam por esse tempo Sotomayor, Benedito, Blay, Garmelo e outros nomes famosos na Arte.

O grande escultor é já então um grande nome da Arte universal. Em Paris, Bruxelas, Munique e em outras cidades europeias, o nome de Mariano Benlliure é já familiar, conhecido, admirado. Pelo seu estúdio de Roma passam grandes figuras da Música, das Artes e das Letras: Gayarre e Verdi são seus amigos íntimos — Verdi aquele grande compositor que ainda hoje delicia plateias... Regressa a Madrid e convive intimamente com Sarasate, que se hospeda no mesmo hotel. E são tão continuos os convívios à sua mesa — Silveira, Castelar, Canalejas e outros — que Sarasate se lamenta um dia: «No podemos ni para comer!...».

Mas o maestro parece que se fatiga a falar. E de repente larga o traba-



O grande cientista Ramon Cajal — obra-primo de Mariano Benlliure



Benlliure modela no barro uma slua de mela feliz...

Jorge Garcia conseguiu este estupendo flagrante do mestre Benlliure. Junto vê-se o seu busto feito por um discípulo.

TODAS as épocas que não têm grandes escultores são épocas mortas para a História. Assim poderíamos iniciar esta entrevista se tivéssemos em mente falar mais do Artista que do Homem, do homem que se chama Mariano Benlliure, e que há sessenta anos é um dos maiores escultores da Espanha e do Mundo. Mas deixamos aos críticos de Arte a análise da obra do Mestre, e falemos de Don Mariano tal como o vimos física e espiritualmente.

Entrar na casa do grande escultor é percorrer todo um mundo de recordações de uma vida de oitenta e quatro anos. A sensação sentida é a de nos encontrarmos num museu de Arte e não num lar familiar e burguês. E quando passamos ao grandioso «atelier» onde o Mestre habitualmente nos recebe, esta sensação vincula-se mais na nossa alma e os nossos olhos sentem-se pequenos para contemplar tanta e tanta maravilha... Traduzidos em barro fazem ali sessenta fecundíssimos anos de um labor artístico excepcional.

O Mestre, olhar carinhoso e cansado, enquanto vai modelando uma escultura em que se vislumbra uma «lua de mel» feliz — dois jovens novos — conversando conosco, de certo contente de que o vejamos trabalhar.

Cautelosamente falamos-lhe do passado, da sua vida de consecutivos triunfos... E diz-nos que a sua vida artística começou verdadeiramente quando aos dezasseis anos entregou o «passo» *Drecredido* para figurar na procissão de Zamora. Antes, porém, havia já trabalhado em diversos estúdios onde seguramente o seu labor era já apreciado. Mas além da Escultura, a Pintura também o interessava muitíssimo. Pouco antes de



O mestre trabalha sempre... Até durante a entrevista não pára!

HISTÓRIA

DA NOVA GUERRA MUNDIAL

POR CARLOS FERRÃO

CAPÍTULO XXXI A FORTALEZA EUROPEIA



Alberto Speer

A falta de potencial humano tornou impossível, a partir de certo momento, o qual pôde localizar-se precisamente no Outono de 1942, a vitória militar do Reich. Essa falta, claramente denunciada no histórico discurso que o Führer proferiu em 30 de Setembro daquele ano, abrangia simultaneamente a Wehrmacht e os serviços auxiliares das forças armadas alemãs e as indústrias de guerra, bem como toda a economia do país. Ao fim de quatro anos de luta, em Setembro de 1943, o número de baixas suportadas elevava-se, para os alemães, a 6.000.000, o que praticamente significava uma média anual de 1.500.000.

De que recursos podiam dispor os dirigentes nazis para fazer face à crise fatal que elas representavam quando se tratava de continuar, com implacável decisão, a guerra iniciada em Setembro de 1939? Além da incorporação de novas classes, o que representava aproximadamente 500.000 homens em cada ano, havia a recuperação de feridos e a antecipação das classes que, normalmente, só muito mais tarde deveriam ser chamadas a prestar serviço militar. Foi para esses recursos que o Reich apelou, a fim de, na medida do possível, fazer face à crise temerosa que estava a aluir os alicerces da sua poderosa máquina militar.

Finalmente, como recurso desesperado, havia a possibilidade de transferir das fábricas e oficinas para as forças armadas, os indivíduos que estavam em condições físicas de prestar serviço militar, quer nas diversas armas da Wehrmacht, quer nos seus serviços especializados. Mas os inconvenientes da aplicação deste último método, eram por demais evidentes para que os chefes da Alemanha recorressem a ele sem manifesta relutância e com um conhecimento perfeito de todos os inconvenientes que comportava. Sobretudo, quando aplicado em larga escala ele conduzia inevitavelmente a um desastre.

Tirando das fábricas e oficinas os seus operários, contramestres e especialistas, os chefes da indústria de guerra alemã eram obrigados a substituí-los por produtos de inferior qualidade, recrutados nos países ocupados da Europa. Automaticamente, a Alemanha via-se na necessidade de fazer uma importação crescente de mão de obra, enchendo os seus centros de produção de guerra de milhões de indivíduos, os quais constituíam uma multidão cosmopolita sempre disposta a colaborar na destruição do Reich desde que, para isso, obtivesse um enajenável favorável ou uma oportunidade cômica.

MEIAS • LUVAS
ROSEBIRD
R. DA ASSUNÇÃO 71 LISBOA
LOJAE B ANDAR

O RECRUTAMENTO DA MÃO DE OBRA ESTRANGEIRA PARA AS INDÚSTRIAS DE GUERRA DO REICH E OS SEUS INCONVENIENTES

Desde 1934 que, dadas as exigências da sua preparação intensiva para a guerra, o Reich nacional-socialista começou a contratar operários estrangeiros para as fábricas de material. Durante a primeira fase da luta, esse recrutamento intensificou-se posteriormente à medida que o Reich intensificava a sua política de conquistas e ocupação no continente.

Mas durante essa fase da luta, o recrutamento de mão de obra estrangeira, feito em regime de voluntariado, entendia-se exclusivamente como populações rurais ou operários sem grande cultura e preparação técnica. No fundo, esse regime de voluntariado equivalia praticamente a um sistema de trabalho compelido, embora os métodos por que isso se realizava em sempre fossem ostensivos e visíveis. As autoridades de ocupação, com o emprego de processos indistintos, tinha sempre maneira de obrigar os trabalhadores estrangeiros a exercerem a sua actividade nas fábricas alemãs de material de guerra. A distribuição de cartas de racionamento e a prisão de pessoas de família como reféns eram processos frequentemente postos em prática nessa época para obrigar os operários polacos a irem trabalhar para o Reich.

Durante esse período, a utilização de mão de obra estrangeira continuava, porém, a fazer-se em escala reduzida e tendo em conta exclusivamente as exigências da produção industrial para fins de guerra. A aplicação dos métodos em que ela assentava deu origem, por mais de uma vez, a conflitos sérios entre os dirigentes nazis. Esses conflitos, o mais conhecido foi o que se suscitou entre um dos mais próximos colaboradores de Goering, o dr. Mansfeld, e o doutor-geral racista, Rosenberg, a propósito dos perigos que, segundo este último, se via em contratar no território do Reich um número crescente de eslavos que, no momento próprio, poderiam de fazer sentir pesadamente a sua animosidade em relação ao povo e ao governo alemão.

O NÚMERO DE TRABALHADORES ESTRANGEIROS NÃO DEIXOU DE AUMENTAR DURANTE A GUERRA, ELEVANDO-SE A MUITOS MILHÕES

Dr. Mansfeld, que foi durante algum tempo ditador da mão de obra do Reich, acabou por ser substituído pelo dr. Syrup. Este último dos problemas de trabalho que tentou dar uma solução satisfatória à questão fundamentalmente a mesma a vitória do seu país. Mais tarde, Syrup foi substituído por Sauckel, e com o conhecimento de que milhões de países ocupados passaram a viver num permanente sobraloto, pôs à medida que a guerra caminhava as exigências de mão de obra faziam sentir, de maneira cada vez mais premente.

Em Março de 1941, quando se iniciou a campanha dos Balcãs, calculava-se que havia no Reich 3.000.000 o número de trabalhadores estrangeiros

ros que se encontravam já empregados nas indústrias de guerra e auxiliares no território alemão. Deste número, metade era constituída por «voluntários» e a outra metade por prisioneiros de guerra. «Este número continuará a elevar-se — escrevia nessa altura o dr. Syrup — enquanto continuarem a ser desviados os operários alemães das fábricas para o serviço militar. Entre os 3.000.000 de estrangeiros que trabalhavam nessa altura na Alemanha, contavam-se 250.000 mulheres.

Terminada a campanha dos Balcãs, entraram no território do Reich numerosos trabalhadores rurais sérvios e ucranianos. A ocupação dos países bálticos e da Ucrânia, em consequência da invasão da Rússia, provocou uma nova onda de trabalhadores estrangeiros, que eram obrigados a empregar a sua actividade na indústria e na agricultura alemãs. Depois disso, o número de trabalhadores estrangeiros não deixou de aumentar nos meses e anos seguintes.

Em fins de 1942 esse número afecta oficialmente calculado pelas autoridades alemãs em cerca de 4.000.000, sendo 2.500.000 constituídos por «voluntários», e 1.500.000 por prisioneiros de guerra. Ninguém ignorava, porém, que as cifras fornecidas oficialmente pelos dirigentes alemães eram quase sempre inferiores à realidade, mas esta era conhecida em toda a parte, e especialmente nos países que se encontravam ocupados pelas suas tropas.

EM FINS DE 1942, SEGUNDO OS CÁLCULOS DOS PERITOS, HAVIA A TRABALHAR NO TERRITÓRIO DO REICH 6.000.000 DE ESTRANGEIROS

Nessa data, na altura em que a Wehrmacht começou a sofrer sérias reverses nos campos de batalha da frente leste, um perito muito conhecido, o dr. Paul Hagen, calculava que o número de súbditos estrangeiros que trabalhavam no território do Reich se elevava a 6.000.000, incluindo-se neste número 3.000.000 de prisioneiros de todas as nações ocupadas militarmente. Um outro perito, Douglas Brown, declarou que, no Verão de 1943, esse número se havia elevado para 8.000.000 em con-



Fritz Todt

sequência das medidas drásticas que adoptara nos países ocupados o «gauleiter» Sauckel, que, entretanto, fora nomeado ditador da mão de obra do Reich.

Por essa altura deixaram de ser publicados na Alemanha quaisquer números oficiais sobre a utilização de trabalhadores. Mas, segundo os cálculos mais fundamentados, quando se deu o desembarque aliado no ocidente, em Junho de 1944, devia haver na Alemanha 10.000.000 de estrangeiros. A esse respeito, e caracterizando a gravidade da situação, o dr. Paulo Hagen escrevia o seguinte:

«Apartado entre as pontas de um dilema inextinguível, tendo por um lado que atender às suas necessidades económicas e por outro que acautele a sua salubridade política, o Reich nacional-socialista acabou por dar preferência às primeiras. Na Ale-

(Continua na página 16)

RELAMPAGO
DISTRIBUIDOR

para:

- Barbeira
- Lavradio
- Élida
- Lava-Louça
- Lava-Roupa



Um RELAMPAGO é indispensável

TODA A DONA DE CASA, PREVI DENTRE TEM DUAS PREOCUPAÇÕES:

O CONFORTO E A ECONOMIA DO SEU LAR

RELAMPAGO SATISFAZ ESTAS DUAS EXIGÊNCIAS

À VENDA NOS SALÕES

FÁBRICA PORTUGAL

Restauradores, 49-55—A. da República, 59—R. Febo Maniz, 1-10—R. da Graça, 82-84

GANHADA DA GLÓRIA

QUELUZ

QUELUZ abriu, há dias, os seus salões para receber os oficiais da armada britânica. Dir-se-ia que o nobre palácio, com os seus jardins, as suas recordações e as suas saudades, se animou, durante duas horas, dum novo sopro de vida. Queluz voltou a ver os arceiros de cabeleira empoada, de chapéu de plumas, de sapato de fivela de prata; voltou a ver os criados solenes na sua casaca de veludo verde; voltou a ver um coche D. João V; e até — caso extraordinário — voltou a ver uma pavana real dançada por doze pares trajados à moda do século XVIII. Os velhos palácios são um pouco como as pessoas de idade: gostam de recordar o passado. Queluz deve ter tido uma doces momentos de felicidade. E, entretanto, como ele deve ter achado diferente a sociedade de hoje, nos seus trajos, nos seus gestos, nas suas próprias conversas, daquela outra sociedade que, durante um século, ele vira desfilar, entre talhas de ouro, pela névoa, ora tranquila, ora agitada, dos seus salões! Um francês ilustre dizia-me espiritualmente, uma ocasião, que Versailles estremecia de horror quando

via entrar, para as conferências que se sucederam após a chamada Grande Guerra, os diplomatas de frac e de côco preto. Não sei o que terá acontecido a Queluz, ao olhar os jaquetões e os «tailleurs» do nosso tempo. É possível que, depois da saída do último convidado, tenha trocado algumas impressões pouco lisonjeiras para nós com aquelas figurinhas que sorriem debruçadas nas tapeçarias Renasçença. Na verdade, Queluz pode casacas de seda, cabeleiras empoadas, tacões vermelhos, bastões de Limoges, quer dizer, uma galanteria que se foi, não sei se bem, se mal, e que é difícil, senão impossível, reconstituir numa simples evocação cenográfica. O palácio é o mesmo; pode mesmo afirmar-se que o cerca um sentido artístico reconfortante — mas a sociedade é que é diferente. Mudou. Para melhor? Para pior? Eu confesso que entre o «swing» e a pavana, ainda me decido pela pavana; mas entre o calção e meia e a calça de fantasia, ainda voto pela calça de fantasia — de forma que me não é fácil concluir se o passado é pior do que o presente ou se o presente é melhor do que o passado.

HUMORISMO



Alguns dos nossos humoristas do lépis, querendo associar-se às comemorações do centenário de Rafael Bordalo Pinheiro, realizaram uma exposição de caricaturas na sala de conferências dos «Amigos de Lisboa». Lá meus trabalhos — e alguns excelentes — de Alfredo Cândido, Arnaldo Resano, Fernandes da Silva, Francisco Valença, João Denis, Manuel Monterroso, Meco, Roberto Santos, Rocha Vieira, Santana e Zeco — e uma flor do Grupo Rafael Bordalo. Foi uma singelíssima pira. No momento em que uma larga sombra de tristeza pesa sobre o mundo — beneventados os que riem — embora, tantas vezes, à força de lágrimas!

NO TEMPO DOS BALÕES

Houve tempo — bons tempos! — em que o Grandela distribua, como brinde, balões às crianças. Ora um dia, dizia a Rua do Carmo, Rodrigo de Melo e Hercúlo Mergulhão quando viram sair precipitadamente do «Grandela» um peto segurando um reluzente balão azul. Logo Rodrigo de Melo perguntou ao seu companheiro:

— Sabes qual é a diferença entre o «Grandela» e a Maternidade?

— Eu não...

— Pois é fácil — concluiu Rodrigo. — É que no «Grandela» entra menino e sai balão, e na Maternidade entra balão — e sai menino...

GAGO COUTINHO

Gago Coutinho regressou, ainda não há muito, do Brasil. Com as suas numerosas simpatias, não falavam amigos que acorressem ao café para abraçar o glorioso almirante. Era uma verdadeira multidão, em que todos juravam para ver se conseguiam aproximar-se do recém-chegado.

— Mas isto o que vem a ser? — inquiriu alguém. — É o Gago Coutinho?

Logo o jornalista Jorge Ramos, que estava presente:

— Não, senhor. É o eléctrico do Carmo ao Almirante Reis!



FERNANDO LOPES... GRAÇA

Ele chegou um dia... E bateu com vigor
À porta musical da nossa vida,
Disse que era a luz amanhecida
Vindo para aquecer o sol-pôr...

Ele chegou, chegou... E com que ardo!
Chegou, viu e venceu! Famosa lida!
Sem conhecer ladeira, nem subida,
Ele foi subindo com arte, com amor!

Houve frémits no céu, exaltação,
Quando ele lá tocou certa canção
Que desfazia o Wagner, por chalonga:

Teve graça o rapaz, espírito boémio...
E os Deuses resolveram, como prêmio,
Que o Lopes se assinasse Lopes... Graça!

**MANTENHA
A SUA GRAÇA
E A SUA
ELEGÂNCIA**



**USE SEMPRE AS
Malhas
LOCITAY**



Paulette Godard, a ex-paroto e ex-mulher de Charlot, tal como nos aparece no «Diário de uma Criada de Quartos», versão cinematográfica da obra famosa de Octave Mirbeau. Neste filme de Jean Renoir, veremos ao lado do lindo artista o seu actual marido, Burgess Meredith, que além de principal intérprete masculino é o autor do guião e co-produtor do filme. Neste «edeshabillé fin de siècle», Paulette Godard está simplesmente encantadora.



Esther Williams está doente? Estão-lhe a dar uma injeção? Nada disso, leitor: apenas um leve precalço: a meio das filmagens o fato de banho desceu-se. A costureira procede à reparação...

QUANDO AS RESTRIÇÕES DE ENERGIA ELÉCTRICA MODIFICAM OS PLANOS DUM REALIZADOR 'A LOS PIES DE USTED' FILME DE GARCIA VIÑOLAS

MANUEL Augusto Garcia Viñolas é um grande nome do cinema de Espanha. Pelos cargos que ocupou — Director do Departamento da Cinematografia, do Teatro Espanhol e da revista «Primer Plano» — e pela sua actividade cinematográfica — «Bodas em Castela», co-director de «Inês de Castro» e «A los pies de usted», Premiado na Bienal de Veneza pela realização daquele primeiro filme — foi, mais tarde, distinguido pelo Sindicato do país vizinho pelo labor desenvolvido a par de Leitão de Barros, no filme luso-espanhol que nos conta a tragédia dos amores de D. Pedro com a princesa acolida de guerra. Ultimamente, dirigiu «A los pies de usted», que logrou um belo êxito, e que ainda hoje continua a correr nos acares de Espanha, animado pela presença do excelente comediante Valeriano de Leon.

Manuel Augusto, que nutre pelo nosso país uma admiração muito sincera, não tem, de momento, projectos imediatos. O cinema e o formalismo hispanum não são feitas tentadoras. E o realizador de «Bodas em Castela» não sabe se irá, a Nova-York e a Roma, em missão de reportagem, ou se iniciará um filme, cujo estudo se encontra terminado, e que se lhe afigura inteiramente de acordo com as suas tendências estéticas e cinematográficas.

«A los pies de usted» foi realizado em condições invulgares. A rodagem da película que Manuel Augusto se propôs iniciar-se em determinado dia do Verão que passou. Subitamente, vieram as restrições de luz, que baniram dos estúdios todos os filmes em que os interiores prevaleciam. O filme de Garcia Viñolas estava neste caso. Mas havia artistas e técnicos contratados — e compromissos tomados. Houve que improvisar uma solução. E a solução foi «A los pies de usted», cujo guião foi escrito em tempo recorde, e que não estava terminado quando o filme se iniciou.

Manuel Augusto considera este filme como um «treino excelente» — e autêntica prova de exame a definir aptidões e recursos dum cineasta. Como obra de arte, infelizmente, não o satisfaz. Como produto técnico, deixou-o plenamente satisfeito. Era impossível fazer mais e melhor — em tão raras e difíceis circunstâncias.

E aqui tem, leitores, a história do mais recente filme de Garcia Viñolas — que nasceu das restrições de energia eléctrica impostas pela longa estadia em nossos Portugal e a Espanha, no ano findo.



Irena Wergzer, cabeleireira famosa dos estúdios de Hollywood, compõe o penteado de Katherine Hepburn, antes do início a rodagem do cena que vai seguir-se. Uma das mil e uma tarefas que precedem o momento do câmara começar o registar no celuloide os imagens que constituem um filme.



Uma expressiva atitude de Garcia Viñolas, durante a rodagem dum cena de «A los pies de usted».

HO MEME QUE SÓUBE ESPERAR POR FERNANDO FRAGOSO

O telégrafo traz-nos a notícia de que morreu, em Hollywood, o realizador Harold S. Bucquet. E possivel que o leitor não ligue, como sol dizer-se, o nome à pessoa. Mas Bucquet, a par de técnico de reconhecida competência, era uma pessoa curiosa, com uma carreira estranha e invulgar. Chamavam-lhe, nos estúdios, «o homem que soube esperar». E o cognome tinha inteira razão de ser, porque Bucquet, durante cerca de vinte anos, viveu uma espinhosa existência, a despeito da confiança outorgada pelas grandes produtoras e das qualidades evidentes que a justificavam e perantiam. Entretanto, sem que ninguém cá fora se desse conta, ele foi como o alquimista do incenso laboratório da Metro, na tarefa insana de experimentar artistas, avaliar possibilidades e decidir todas as decisões que sobre a personalidade dos mesmos se suscitavam. Quando era preciso saber se a vedeta X serviria para o filme Y, ou se a rapariguinha chegada a Hollywood com a carta de recomendação da sua avó e de sua mãe podia ir mais além — era Bucquet que, no cenário preparado para grandes filmes a rodar nessa ocasião, dirigia os artistas em provas experimentais, decisivas. Era o «test director» favorito dos realizadores. E tinha o mesmo sentido para avaliar a capacidade de se escondia um talento ou onde despontava uma personalidade, ansiosa por revelar-se.

Então, Harold Bucquet dirigia filmes de curta metragem, alguns dos quais podiam considerar-se verdadeiras obras-primas do género. E enquanto se ocupava nestes pequenos filmes, Bucquet sonhava com uma produção de grande metragem, a realizar em condições de vastas proporções, e interpretada à altura das circunstâncias. E esperava, certo de que o seu dia, embora tar dando, acabaria fatalmente por vir... E assim aconteceu. Bucquet assistiu então várias películas da série «Crime e Castigo», aqueles filmes policiais «concentrados» que o nosso público tanto aprecia. Um deles concorreu ao prémio da Academia. E ganhou o trofeu atribuído às películas de duas bobinas. Harold S. Bucquet apreciou, pela primeira vez, à luz da publicidade, e a Metro entendeu que havia chegado o momento de lhe dar mais possibilidades. Surge, então, o primeiro filme da série do Dr. Klidner — com o acinimas dos hospitais, o jovem médico aparentemente leveano e inconsequente; o mestre autoritário, quisiento e sabelotudo; e a linda enfermeira, que era a nota romântica destas histórias apolitanas de cirurgiões e doentes. Escreto todo, a desdobrar-se por vários outros filmes em que vimos o Dr. Klidner, o Dr. Gillespie e a linda Mary Lamont viver empolgantes aventuras, em luta com a morte, nos casarões de brancura inculcada do grande hospital americano, que eram como que o árbitro do seu mundo. Logo a seguir, Harold S. Bucquet dirige um filme magistral, impregnado de poesia — «Horas Roubadas» (On Borrowed Time), ainda inédito em telas portuguesas. Dirá-se-lhe um sonho ou uma lenda, na situação da história, onde a amizade do avô pelo neto atinge as mais altas cravetas da emoção; conseguem prender a morte na velha macteira do Jardim — a morte que acaba por se levar, adocemente, como quem cumpre o destino eterno, e que não pode furtar-se.

Depois, vieram mais «Klidners» — mais cinco, pelo menos. E, de perneio, «We are here young», filme corajoso — que era, simultaneamente, um apelo e um aviso de alarme a favor de todos os que são novos e têm direito à vida. Em seguida, «Kathleen», com Shirley Temple. E já só a «biliz» demanda Londres, na sua digitaterra neta, para dirigir Robert Donat, nas «Aventuras de Fortis». De regresso a Hollywood, foi co-director de «A Vida do Dragão», com Katherine Hepburn. E, logo a seguir, voltou a realizar um filme com esta vedeta e Spencer Tracy — a sua obra derradeira, «Sem Amor, comédia que afirma as raras qualidades e o seu insuperável sentido de cinema.

A notícia da morte deixou-nos penalizados. Evocámos a personalidade do realizador, a imagem que dele guardávamos na retina — desde a sua curta estadia em Lisboa. Era uma pessoa excessivamente discreta, afável, que parecia querer passar despercebido, onde quer se encontrasse. O slogan de «O homem que soube esperar» assentava-lhe como uma luva. Dirá-se-lhe uma daquelas pessoas que ficam impassíveis, sempre que as câmaras não do correm.

(Continua na página 14)

O Príncipe D. João, pretendente ao trono de Espanha, visitou, há dias, os estúdios da Companhia Portuguesa de Filmes. A gravar mostra-nos um aspecto da recepção. No grupo central encontram-se, de esquerda para a direita, o sr. dr. Rodrigues Pinto, administrador-delegado daquela firma produtora, e de frente para a máquina, o sr. Dias Amado, produtor espanhol de «Rezas» e de «Inês de Castro». No decurso do visita foi passado um filme, pertencente aos arquivos de C. P. F., e que documenta o vizegem de D. Manuel II ao país vizinho, no tempo de D. Afonso XIII, pel do príncipe D. João.

NOEL PERDIGÃO PINTOR DO RIBATEJO



Noel Perdigão, pintando ao ar livre. Sentado, vê-se o escritor Alves Redol.

ALVES Redol, um dos mais expressivos temperamentos de romancista da moderna geração, ao apresentar, no catálogo, um certame artístico ainda recente, o vigoroso pintor Noel Perdigão, chamou a terreira o público, por via deste caso de espontaneidade — e de tantos existentes por aí, à espreita de oportuna apuração, arreios, por circunstâncias da vida, a compêndios escolares.

De facto, Noel Perdigão nasceu pin-

tor. De nada lhe serviria o diploma, a atestar os méritos. O valimento da arte está na obra. A escola pode, na realidade, aperfeiçoar o artista, dar-lhe uma concepção técnica para realizar. Mas se a alma é estreita, se os horizontes por onde o artista, ansioso, procura a beleza, são limitados, não é o compêndio que lhe abre os olhos — não é, enfim, o estudo que o prepara para a pesquisa do Belo.

Noel Perdigão começou cedo a ena-

morar-se da pintura. Ainda por bancos da escola, já os da privança se deleitavam no risco habilidoso do seu lápis, verdadeiro construtor de mundos de bonecos. Depois, gradualmente, ao espigar na idade, veio-lhe a ideia de, por teatros de Vila Franca, encher de cor e alegria cenários de palcos de amadores. Era a leitura, um pedaço alarajando de céu, uma perspectiva de rueta eburacada, tudo, que o extraordinário poder do seu pincel sabia fixar, expressivo e real.

Deste labor se apercebeu gente dada às Artes, que logo encorajou o artista para outros cometimentos. Noel Perdigão, aliás, não era de fronsa temperamento, para deixar emorecer, no acanhado meio, os anseios legítimos de artista.

E de Vila Franca de Xira veio a Lisboa. A sua primeira exposição alvorçou a crítica, e levou a admirar os quadros um público interessado. Viu-se, então, que a Arte desse pintor ribatejano trazia uma mensagem de alegria e cor e um extraordinário poder evocativo desses campos ardentes da lezíria.

O Ribatejo tinha encontrado o seu biógrafo, pela tinta. Eram as esperas de gado, os touros negros, corpulentos, barbados de espuma, os dorsos fortes e suados, sangrando ainda de alguma picada do campino, dextro e ágil, no cimo da montada; eram os rios, brancos e prateados do sol, correndo entre regos de verdura tenra; era o sol, queimando e requemando, poderoso e fascinador, dardando lume por caminhos empoei-

rados; era, enfim, a grande lezíria enfeitada de vida, que Noel Perdigão, enamorado, trazia nos seus quadros.

A crítica foi-lhe propensa a elogios — e os trabalhos veudidos — recompensa a que, eternamente, há-de andar aguilhoado o artista — favoreceram a sua persistente vontade de vencer.

Desde aí Noel Perdigão tem figurado em exposições colectivas, onde os seus trabalhos, como expressivas manchas, têm sobressaído. Pintor, com alma de poeta, ele sabe encontrar no pormenor uma rima de cor para os seus quadros, que são poemas.

O que surpreende, sobretudo, neste artista, é o pujante vigor que sabe imprimir nas suas telas. Sendo um lírico, ele não procura dar a sombra nostálgica para amolecer os sentidos.

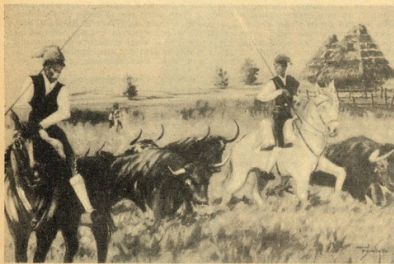
Os seus quadros dir-se-iam viver, renascidos e iluminados pelo sol que ele sabe encontrar na paisagem humana das figuras.

Tudo nele é verdadeiro, desde o campino, vestido de soalheira e das correias, ao gado espicado no meio da lezíria. As vezes, os seus olhos de artista deixam-se enamorar uma varanda florida de casa velha ou por uma vuela suja, de perspectivas empinadas. Ai o pintor não fantasia — documenta. Nada o faz esquecer o pormenor, desde os ferros rendilhados à trepadeira escalete, como borbulhas de sangue sobre o muarete.

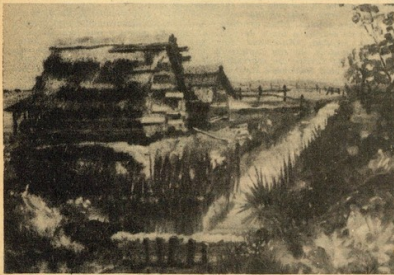
Noel Perdigão pode bem ser denominado de pintor do Ribatejo.

Por lá viveu — e deu corpo ao seu sonho — o pintor. Sendo um autodidacta, criou a personalidade remando, lutando, sofrendo as agruras dos que só tarde se realizam. Pintor por nascimento, com estatura artística que muitos nem por sombras alcançam, Noel Perdigão não precisou da escola para marcar, firmemente, a sua posição na geração contemporânea. Tudo quanto sabe aprendeu de

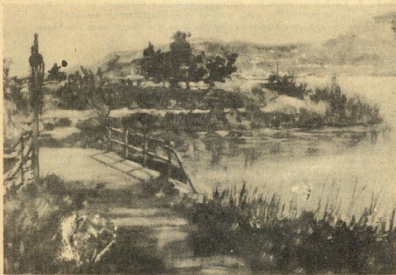
(Continua na página 16)



«Paisagem de gado»



Estu obiu é um fragmento da campina ribatejana



«A Granja»

PASTA MEDICINAL
Couto
TRATA TODAS AS DOENÇAS DA BOCA

Medicinal pequena — tubo 11\$00
Medicinal grande — tubo 17\$50
Vulgar pequena — tubo 4\$00
Vulgar grande — tubo 7\$00

Tiká
MATA
PERCEVEJOS
BARATAS
PULGAS
TRAÇA

À VENDA EM TODA A PARTE

Caixa pequena..... 3\$00
Caixa grande..... 8\$00
Dep.: **COUTO, L. da** — Porto
L. S. Damizios, 188

QUE FAZER PARA ALIVIAR PÉS DORIDOS

Para obter um bem-estar imediato e para desembaraçar-se de todos os sofrimentos, façam o seguinte: Ponham uma mão cheia de Saltratos Rodel em água e metam nela os seus pés doridos. Este banho leitoso faz desaparecer imediatamente a dor, e suprime o inchaço. Os calos e calosidades amolecidos tiram-se facilmente sob a pressão dos dedos. Seus pés ficam «descansados».



Hoje mesmo um banho aos pés com Saltratos Rodel. Amanhã são pés «novos». Em todas as farmácias e drograrias. Preços módicos.



PASSA TEMPO



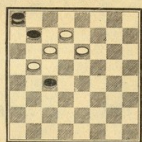
DIRIGIDO POR AUGUSTO TEIXEIRA MARQUES
Toda a correspondência deve ser enviada para a Rua Marques SA de Bandeira, 108. 3.º — LISBOA

DAMAS

(Secção espanhola)
1.º CONCURSO INTERNACIONAL DE PROBLEMAS DE «DAMAS»

COMPOSIÇÃO N.º 82 (Final simétrico)

«La Provincia» — Las Palmas (Espanha)
Lema: «Luchada V.V.»



Jogam as brancas e ganham. Atenção — É preciso demonstrar a legalidade.

VEJA SE SABE...
(PROBLEMAS DE «CULTURA GERAL»)

N.º 1
Estes trabalhadores estão descansando, mas onde? No interior de... Um globo? Uma mina? Uma locomotiva? Numa caldeira de navio? Num hidroavião? Num automóvel? Aguardamos as vossas respostas, caros leitores!



PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 61 — Por Roccaoli (Notas)
HORIZONTAIS: 1 — Lar; ofender. 2 — Letra grega (pl.); todo. 3 — Orvalho; sela pequena. 4 — Lafrar; carrapateiro. 5 — Apagar; batráquio. 6 — O mais vedam; sábia. 7 — Atmosfera; mover com remos. 8 — Ofender; contração de prep. e pron. 9 — Tiras (subs.); girar. 10 — Acontecido; azinhaga. 11 — Habitação; ocasiões.
VERTICAIS: 1 — Envergoadada; igual. 2 — Ateção; remozar. 3 — Maçadas; roer. 4 — Actuaram; morada. 5 — Contr. de prep. e artigo; rompes. 6 — pronome pessoal; oceanos; aqui. 7 — Curam; batráquio. 8 — Acóia; imagem da Virgem. 9 — Ardor; montes. 10 — Função inorgânica (pl.); face. 11 — Folhagem; restos.
Dicionários adoptados: Augusto Moreno, Torrinha, Roquete (anónimos).

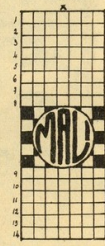
SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 60
HORIZONTAIS: 1 — Fideicomisso. — Aupelcoao. 3 — Os; 66; do. 4 — Es; em; pó; ti. 5 — Rel; alta; rom. 6 — Edil; ao; samu. 7 — Mesa; ra; emel. 8 — Intra; abona. 9 — Ata; movi; T.T.C. 10 — DO; carpau; or. 11 — Boráxico. 12 — Sarampo.
VERTICAIS: 1 — Jeremiada. 2 — Ia; sedento. 3 — Duo; lista. 4 — Esse; lar; os. 5 — Ix; má; amara. 6 — Clo; lar; orat. 7 — Oco; del; veia. 8 — Mt; pá; alpin. 9 — Idoso; seb; A.F.P. 10 — S.S.A.; ... 11 — S6; to; into. 12 — Simulac.

N.º 2
Suponhamos que os leitores já esqueceram o rosto desta popular artista de cinema. Digamos, de quem se trata? Mary Pickford? Dolores Costello? Lillian Harvey? Mary Gwynor? Lilli Damita?



PILHA DE PALAVRAS

PROBLEMA N.º 10
Dedicado por Armando Nogueira ao «Fim do Mundo» (Bissau)



ENUNCIADO

1 — Marcar prazo a. 2 — Luta. 3 — Borda onde se encaixam os quartos de fechar as escotilhas. 4 — Enredo. 5 — Hesitante. 6 — Equívoco. 7 — Chularia. 8 — Unido filietia entre parentes próximos. 9 — Quarto estômago dos ruminantes. 10 — Anquilar. 11 — Ponta brasileira. 12 — Plasmó-

nica reles. 13 — Grande luxo. 14 — Atar com correia. Resolvido este problema, encontrar-se-á na coluna vertical X, o nome e apelido de uma ex-veteta de Hollywood.

Dicionário adoptado: Torrinha.

HIEROGLIFOS
COMPRIMIDOS

Por Nicolau F. Telo de Moraes (Viseu)

50	OU	NOTAS
6 letras		
150	A	5 A
5 letras		
100 A	NE	100 AS
7 letras		
ME	O	
7 letras		
letra grega	GE	Ave
7 letras		
Notícia	51	Carnívoro
9 letras		

É FÁCIL... VEJAMOS!
(Publicado em 14/3/46)

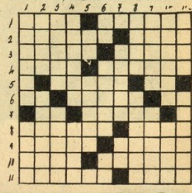
Sotúgia
Tabac (francês); Tabacco (italiano); Tabak (alemão); Tabaco (espanhol); Tabako (esperanto); e Tobacco (inglês).

O LIVRO DO MOMENTO

A PRIMEIRA ALIANÇA PORTUGUESA

Resumo histórico da aliança entre Portugal e a Inglaterra
Por RAFAEL MARÇAL

A venda em todas as livrarias
Uma magnífica edição
de «VIDA MUNDIAL»



LESLIE BROOKS
 desceba, escoteada
 no tambor... a cidade
 há quem pense que
 as mulheres só vêm
 para tocar!



Avermelha as gengivas
 Avermelha as gengivas
 Avermelha as gengivas

CARMIM
 CREME
 TOREDO

Pasta dentífrica
 Pasta dentífrica
 Pasta dentífrica

CARMIM
 CREME
 TOREDO

E branqueia os dentes
 E branqueia os dentes
 E branqueia os dentes